

Catarina Alexandra Viegas Martins

**Disponibilidade Emocional Parental na perceção dos filhos: Um estudo
de validação da LEAP em jovens adultos portugueses.**



UAAlg

UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Universidade do Algarve

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2023

Catarina Alexandra Viegas Martins

**Disponibilidade Emocional Parental na perceção dos filhos: Um estudo
de validação da LEAP em jovens adultos portugueses.**

Mestrado em Psicologia da Educação

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof.^a Dr.^a Ana Susana Almeida



Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

2023

Disponibilidade Emocional Parental na perceção dos filhos: Um estudo de validação da LEAP em jovens adultos portugueses.

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho que é original e inédito. Os autores e os trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

(Catarina Alexandra Viegas Martins)

Copyright © 2023 Catarina Alexandra Viegas Martins

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos

Agradecimentos

Agradeço a todos os que passaram por mim e marcaram este percurso universitário. Aos que de alguma forma se cruzaram comigo e contribuíram para este trabalho e para aquilo que sou hoje, obrigada.

Aos meus colegas e amigos, em especial aos que marcaram o meu percurso universitário. Ao Rubén pela nossa licenciatura, pela amizade que construímos e por todos os serões bem passados. À Carolina e à Lara pelo nosso mestrado, pela calma e conhecimento que comigo partilharam. Foi bom crescer convosco.

Aos meus pais, agradeço por todo o apoio e compreensão, mesmo quando não sabiam do que falava. Por tornarem tudo isto possível e por nunca me exigirem mais do que o que podia dar. Pela paciência, pelo apoio, por acreditarem sempre que ia correr bem.

À minha irmã Carla que continua a ser o meu exemplo, mas que me olha com admiração. Obrigada por, sem saberes, seres a minha motivação para continuar a conquistar.

À minha irmã Ana Sofia agradeço pela essência e interesse.

Aos meus sobrinhos, obrigada serem uns chatinhos, que um dia leiam este trabalho e se orgulhem.

Ao Diogo, pela disponibilidade, pela serenidade e por sempre me acompanhar. Aqui fica o meu eterno obrigada. Foste calmária na minha tormenta.

Aos meus amigos da vida, por todas as ausências e queixumes, por nunca se esquecerem de mim e respeitarem sempre quem sou. Obrigada por serem assim.

Aos colegas que permitiram que este trabalho fosse concretizável. Érica, Rita, Marta, Carolina, Lara, Gabriela, Joel e Professora, um muito obrigada.

Por último, agradeço à minha orientadora, figura-chave de todo este trabalho.. Prof.^a Dr.^a Ana Susana Almeida, um obrigada para o resto da vida.

Às crianças que estas pessoas crescidas já foram

O principezinho

Resumo

A Disponibilidade Emocional (DE) é um construto em expansão na literatura científica devido à sua relevância ao nível da saúde mental e bem-estar, bem como pela sua influência no desenvolvimento, em diferentes domínios, nomeadamente no emocional e cognitivo. No entanto, evidencia-se uma escassez de instrumentos adaptados e validados para a população portuguesa. O presente estudo pretendeu a adaptação e validação da escala *Lum emotional availability of parents (LEAP)*, desenvolvida por Lum e Phares em 2005 para a população norte-americana. A LEAP visa avaliar a DE percebida dos filhos (entre os 18-25 anos), relativamente aos pais. O presente estudo contou com 413 participantes, 83% do sexo feminino. Para além da LEAP utilizou-se o *EMBU*, a *EDRE-VR*, a *EVA* e ainda a *EDS-20*. A LEAP foi traduzida de acordo com o procedimento tradução-retroversão. A análise fatorial confirmatória evidenciou que a LEAP materna e a LEAP paterna apresentam índices de ajustamento satisfatórios. Foi realizada uma análise fatorial confirmatória. Os fatores LEAP materna e a LEAP paterna apresentam uma boa consistência interna, bem como resultados adequados relativos às validades, nomeadamente convergente associando-se significativa e positivamente com a dimensão de Apoio Emocional (conforto e aceitação) e negativamente com as dimensões Sobreproteção (desvalorização e pressão) e Rejeição (intrusão e controlo excessivo). A DE parental correlaciona-se positivamente com a RE, evidenciando a validade convergente. A versão Portuguesa da Lum Emotional Availability of Parents (LEAP), a LEAP-PT apresenta propriedades psicométricas adequadas, com potencial para ser utilizada por profissionais e investigadores no âmbito da avaliação da disponibilidade emocional parental percebida em jovens adultos portugueses, dos 18 aos 25 anos de idade.

Palavras-chave: Disponibilidade Emocional Parental, LEAP-PT, Lum Emotional Availability of Parents, Estilos Educativos Parentais, Práticas Parentais, Regulação Emocional, Vinculação

Abstract

Emotional Availability (EA) is a construct which is expanding in the scientific literature due to its relevance in mental health and well-being, as well as its influence on the development of different domains, particularly the emotional and cognitive domains. However, there is a lack of instruments adapted and validated for the Portuguese population. The present study aimed at adapting and validating the Lum emotional availability of parents (LEAP) scale, developed by Lum and Phares in 2005 for the North American population. LEAP aims at assessing the perceived EA of children (aged 18-25 years), regarding their parents. The present study had 413 participants, 83% female. In addition to LEAP, we used the EMBU, EDRE-SF, EVA, and EDS-20. The LEAP was translated according to the translation-retroversion procedure. Confirmatory factor analysis showed that maternal LEAP and paternal LEAP have satisfactory adjustment rates. A confirmatory factor analysis was performed. Maternal and paternal LEAP factors showed good internal consistency and adequate results regarding validities, namely convergent, being significantly and positively associated with the Emotional Support dimension (comfort and acceptance) and negatively associated with the Overprotection (devaluation and pressure) and Rejection (intrusion and excessive control) dimensions. Parental DE correlates positively with ER, showing convergent validity. The Portuguese version of the Lum Emotional Availability of Parents (LEAP), the LEAP-PT, shows adequate psychometric properties, with potential to be used by professionals and researchers to assess the perceived parental emotional availability in young Portuguese adults aged 18 to 25 years old.

Keywords: Attachment, Emotional Regulation, LEAP-PT, Lum Emotional Availability of Parents, Parental Emotional Availability, Parenting Styles, Parenting Practices

Índice de Siglas

DE – Disponibilidade Emocional

DEP – Disponibilidade Emocional Parental

RE – Regulação Emocional

EEP – Estilos Educativos Parentais

LEAP – *Lum emotional availability of parents*

EVA – Escala de Vinculação do Adulto

EDRE – Escala de Dificuldade na Regulação Emocional

Índice

1.	Introdução	1
2.	Enquadramento Concetual	3
2.1.	Disponibilidade Emocional	3
2.2.	A Disponibilidade Emocional Parental e a sua relação com aspetos relacionais, educativos e emocionais	4
2.2.1.	A Disponibilidade Emocional e a Vinculação	4
2.2.2.	Disponibilidade Emocional e Estilos Educativos Parentais	7
2.2.3.	Disponibilidade Emocional e Regulação Emocional	9
2.3.	A avaliação da Disponibilidade Emocional Parental: A Lum Emotional Availability of Parents (LEAP)	11
2.4.	Validações internacionais da LEAP	14
2.5.	A Disponibilidade Emocional Parental (LEAP): Resultados de Investigação.....	16
3.	Relevância da Disponibilidade Emocional Parental e da sua avaliação através da LEAP	19
4.	Problemática.....	20
5.	Método	21
5.1.	Participantes	21
6.	Instrumentos	22
6.1.	Questionário Sociodemográfico	22
6.2.	Lum emotional availability of parents – Versão Portuguesa	22
6.3.	Instrumentos de Validade Convergente	23
6.3.1.	EMBU - Memórias de Infância	23
6.3.2.	Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20).....	24
6.4.	Instrumento de Validade Divergente.....	25
6.4.1.	Dificuldade na Regulação Emocional (VR) – EDRE-VR	25
6.5.	Instrumento de Validade Preditiva.....	25
6.5.1.	Escala de Vinculação do Adulto - EVA.....	25

7.	Procedimentos	26
7.1.	Procedimento de Recolha de Dados.....	26
7.2.	Procedimento de Análise de dados.....	27
8.	Resultados	29
8.1.	Análise da estrutura da LEAP-PT materna e paterna.....	29
8.1.1.	Análise fatorial exploratória preliminar	29
8.1.2.	Análise fatorial confirmatória (AFC).....	33
8.1.3.	Validades convergentes e divergentes.....	35
8.1.4.	Validade Preditiva	38
8.2.	Análises adicionais.....	40
8.2.1.	Diferenças na DEP de acordo com o sexo dos participantes	40
9.	Discussão.....	41
10.	Conclusão.....	47
11.	Referências Bibliográficas	51
12.	Anexos.....	62

Índice Tabelas

Tabela 1.	31
<i>Estatísticas Descritivas por cada item da LEAPm e da LEAPp</i>	31
Tabela 2.	32
<i>Matriz de componentes após rotação Varimax.</i>	32
Tabela 3.	34
<i>Índices de ajustamento dos modelos LEAPm e LEAPp</i>	34
Tabela 4.	37
<i>Caraterísticas Estatísticas das Escalas</i>	37
Tabela 5.	39
<i>Correlações entre a LEAP, EVA, EMBU e EDRE.</i>	39
Tabela 6.	40
<i>Modelos de Regressão</i>	40

Índice Figuras

Figura 1.....	34
<i>Análise Fatorial Confirmatória da LEAPm e LEAPp.....</i>	<i>34</i>
1.1 Modelo LEAPm (modificado)	34
1.2 Modelo LEAPp (modificado)	35

Índice Anexos

Anexo 1. Tabela 7. Principais características e resultados dos 2 estudos piloto de conceção e validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)	62
Anexo 2. Tabela 8. Principais Características e resultados do estudo 3 de validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)	63
Anexo 3. Tabela 9. Principais características e resultados do estudo 4 de validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)	64
Anexo 4. Tabela 10. Itens da Escala de Disponibilidade Emocional de Lum e Phares (LEAP) em Inglês e Português	67

1. Introdução

A DE tem ganho relevância pela sua aplicabilidade aos vários contextos de vida, como também pela sua influência na saúde mental, nas competências de adaptação e na funcionalidade do indivíduo (Biringen, 2000; Biringen & Robinson, 1991; Emde, 2000; Lee & Gotlib, 1991; Lum & Phares, 2005). A indisponibilidade emocional (e.g., falta ou fraca resposta à criança, distanciamento, falta de prazer nas interações), evidente em situações de divórcio parental, conflito interparental, psicopatologia parental e entre outros contextos, associa-se a incontáveis consequências negativas ao longo do desenvolvimento (Lee & Gotlib, 1991; Ziv et al. 2000).

O construto (DE) tem na base a teoria de Vinculação de Bowlby, de Ainsworth e colaboradores e define a vinculação com um sistema de comportamentos aprendidos em que o objetivo principal é manter a homeostase “familiar”, tendo sempre em conta a qualidade da relação entre pais e filhos (Bretherton, 2015). Ainsworth's, no Projeto de observações no Uganda, *Infant in Uganda*, atende também à sensibilidade e interação da mãe com o bebê, introduzindo o importante conceito de sensibilidade materna e a relação adaptativa constante entre a mãe e o filho, bem como perspectivas emocionais relativas à sincronia mãe – criança (Ainsworth et al., 2015; Bowlby, 1969,1982; Mahler, 1975). Neste sentido, entende-se o construto de Disponibilidade Emocional (DE) como a capacidade de numa relação diádica, ou na construção da mesma, ambas as partes oferecerem contribuições positivas (Biringen & Robinson., 1991).

Este construto DE começou por ser operacionalizado pelas *EA Scales (EAS)*, de cariz multidimensional, desenvolvidas por Biringen, através das quais se avalia a díade cuidador-criança, isto é, como um membro afeta o outro (Biringen et al., 2014). No entanto, são alguns os fatores que condicionam a exequibilidade desta escala do ponto de vista do profissional (e.g. vasta e dispendiosa formação) gerando algumas limitações à avaliação do construto.

Assim sendo, face à escassez de instrumentos que permitissem avaliar o construto de DE, Lum e Phares desenvolvem a escala LEAP, composta por 15 itens de autorrelato para a figura materna e parterna, em 2005 no Estados Unidos da América, no sentido de dar resposta às limitações na literatura científica, quer por falta de instrumentos ou competências profissionais, colmatando a necessidade de serem avaliados os níveis de disponibilidade emocional em mães e pais. A utilização da escala LEAP, permite avaliar a mãe e o pai em simultâneo, dando a devida importância ao construto de DE que reflete

a díade pais-filhos. A operacionalização de DE através da LEAP noutros países mostrou resultados ao nível das psicopatologias e comportamentos disruptivos, sendo que a DE quando percecionada tem influências positivas na saúde mental e bem-estar das crianças, adolescentes e adultos (Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017; Lum & Phares, 2005).

Neste sentido, considerando as repercussões da indisponibilidade emocional no funcionamento da criança, com foco na intervenção para a diminuição dos fatores de risco (Lee & Gotlib, 1991), considera-se de extrema importância a adaptação de uma escala para a população portuguesa que permita avaliar a DE e a perceção dos filhos em relação aos pais, nomeadamente a validação da Escala LEAP de Lum e Phares.

Neste estudo são tidos em consideração construtos como vinculação, pela peça chave que uma vinculação segura a um cuidador primário representa para um desenvolvimento positivo e pelo cariz determinante na perpetuação dos estilos de vinculação na vida adulta (Aviezer, 1999; Bowlby, 1982; Fraley, 2002; Volling et al. 2002), estilos/práticas educativas parentais, por representarem também um papel determinante na promoção de um desenvolvimento positivo (Cardoso & Veríssimo, 2013; Kobarg et al., 2010; Weber et al., 2006) e regulação emocional pelas repercussões que a ligação entre os comportamentos dos pais e as emoções dos filhos, quer na infância quer na adolescência, tem longo da vida (Diamond & Aspinwall, 2003).

Assim sendo, e tendo em consideração a literatura apresentada, no presente estudo temos como principal objetivo traduzir e validar a escala LEAP de Lum e Phares (2005) para a população portuguesa entre os 18 e os 25 anos. Neste sentido, pretendeu-se: 1) avaliar a estrutura interna do instrumento; 2) analisar a validade convergente (i.e., consistência interna). Para avaliação da validade convergente pretendeu-se: 3) determinar as associações existentes entre a DE parental percecionada e os estilos educativos parentais. De igual modo, para avaliação da validade divergente pretendeu-se: 4) compreender as associações entre DE parental percecionada e a regulação emocional e para validade preditiva pretendeu-se: 5) analisar a relação entre a DE e a vinculação.

2. Enquadramento Concetual

2.1. Disponibilidade Emocional

A família, como estrutura social primária na vida de uma criança tem influência nas diversas fases do desenvolvimento (Gokçe & Yilmaz, 2017). A relação entre os cuidadores e a criança assume-se como uma condição primária para a sobrevivência e a adaptação (Sroufe, 2016).

A associação entre os comportamentos parentais e os resultados nos filhos (e.g., a nível comportamental e emocional) está desde há muitos anos comprovada (ver Schaefer, 1965). Contudo, muitas das especificidades dos comportamentos parentais com potencial impacto no comportamento e desenvolvimento emocional dos filhos continuam a ser dignas de exploração e análise (Lum & Phares, 2005). O constructo da Disponibilidade Emocional (DE) reflete um conjunto de características relevantes da qualidade e salubridade das relações entre os pais e os filhos (Lum & Phares, 2005).

Na literatura científica existem diferentes conceptualizações de DE (Lum & Phares, 2005). Contudo, algumas características parecem ser transversais à DE parental, o envolvimento emocional, a sensibilidade e a responsividade exibidos (Biringen & Robinson, 1991; Lee & Gotlib, 1991; Lum & Phares, 2005). Inicialmente, o construto de DE surge associado à disponibilidade da mãe (Mahler et al., 1975), como a figura encorajadora do processo de exploração no meio. A mãe como figura primária que fomenta a autonomia e que reconforta a criança pelo contato físico e emocional. Numa fase posterior surge associado à urgência de respostas por parte da figura cuidadora face às necessidades da criança, considerando as emoções positivas e negativas, num sistema dinâmico de comportamentos e respostas sucessivos entre o cuidador e a criança (Biringen et al., 2014). A DE tem sido definida como um construto relacional essencial à qualidade da interação diádica (Biringen & Robinson, 1991; Emde, 1980) e abrangente, na medida em que contempla não só aspetos subjacentes à vinculação (e.g., a sensibilidade e a responsividade), como também outras características relacionais relevantes presentes nas rotinas interativas (e.g., existência de um ambiente emocional positivo, promoção da autonomia, apoio aos interesses do outro, suporte na exploração do meio) (Almeida et al., 2022; Saunders et al., 2017). A DE parental exprime-se igualmente na capacidade de os pais exibirem aceitação e de fornecerem apoio perante uma diversidade de comportamentos positivos e negativos dos filhos (Easterbrooks & Biringen, 2000) e perante uma ampla variedade de emoções por eles manifestadas (Lum & Phares, 2005).

A DE é caracterizada como um indicador/preditor da qualidade da relação pais-filhos ou adulto-criança (Biringen, 2000; Biringen & Robinson, 1991; Emde, 2000; Lee & Gotlib, 1991; Lum & Phares, 2005; Saunders et al., 2015). Este construto, que atualmente surge como uma expansão da conceitualização inicial das relações de vinculação mãe-filho, representa os aspectos emocionais e os diádicos das relações entre os adultos significativos e as crianças (Saunders et al., 2015).

A DE é, sobretudo, o sentimento de “estar lá” para os filhos, sem precisar de estar fisicamente (Biringen & Robinson, 1991; Goede et al., 2009; Lum & Phares, 2005).

2.2. A Disponibilidade Emocional Parental e a sua relação com aspetos relacionais, educativos e emocionais

A relação entre a DE e outras características da relação pais e filhos tem sido explorada na literatura científica. Por exemplo, a relação entre a DE e a Vinculação tem sido objeto de estudo nas últimas décadas.

2.2.1. A Disponibilidade Emocional e a Vinculação

Uma vinculação segura a um cuidador primário é a peça chave do desenvolvimento positivo na infância, sendo o vínculo estabelecido uma representação dos padrões vividos na infância do cuidador (Aviezer, 1999; Bowlby, 1982; Volling et al. 2002). Este vínculo desde cedo se associa à DE pela através da sensibilidade da díade cuidador – criança que os caracteriza (Biringen et al., 2005). Um dos principais pilares da teoria da vinculação é que o tipo de vinculação estabelecido na adultez é o reflexo do tipo vinculação estabelecido nas suas relações primárias com o(s) seu(s) cuidador(es) (Fraley, 2002).

Segundo Bowlby (1982) o ser humano nasce com um sistema psicobiológico de vinculação, que se estabelece e estrutura através da relação entre a criança e o cuidador, desenvolvendo a criança o seu próprio estilo de vinculação. A vinculação segura, que funciona como um sistema de sobrevivência da criança, é caracterizada pela confiança nos outros, pelo conforto com a proximidade e pela capacidade para lidar com stressores de forma construtiva, como um meio de atenuação da ansiedade e tensão sentida (Bowlby, 1982; Fearon & Roisman, 2017; Mikulincer et al., 2003).

A DE que funciona numa relação diádica de partilha de estados afetivos, característica predominante de um cuidador sensível, reflete-se na regulação e no estabelecimento de uma vinculação segura (Ainsworth et al., 1989; Aviezer et al., 1999;

Emde, 1989; Field, 1994; Thompson, 1994). Quando a criança procura proximidade na figura de vinculação e recebe/perceciona suporte e proteção, cria-se uma ligação promotora de sentimentos positivos, com a capacidade de atenuar estados de stresse (Nielsen et al., 2017). A qualidade desta relação é resultado da experiência parental e do estilo de vinculação recebido na infância (Bowlby, 1969,1982).

No entanto, e ainda que a vinculação seja uma característica a desenvolver na relação pais-filhos, que floresce através da presença física nos momentos de necessidade, nem sempre tem qualidade para suprir as carências do bebé e assumir uma figura de segurança (i.e., DE), tendo influência na consolidação de uma vinculação segura e até na regulação emocional da criança (Ziv et al., 2000). Neste sentido, a figura de vinculação quando percecionada pela criança como indisponível emocionalmente, representa consequências mais significativas do que a ausência física, abuso ou negligência (Egeland & Erickson, 1987; Field, 1994).

A ligação estabelecida entre o cuidador e a criança tem um cariz intergeracional e a estabilidade do estilo de vinculação é a base do estilo vinculação a estabelecer enquanto adulto, com os pares e filhos (Aviezer et al., 1999; Biringen, 2000; Fraley, 2002; Hazan & Shaver, 1990; Pascuzzo et al., 2013; Waters et al., 2000).

A vinculação pode ser caracterizada em vários tipos, que traduzem a qualidade da relação, tal como a vinculação segura, mais frequente, normativa e apropriada, a vinculação insegura de evitamento, a vinculação insegura ambivalente e a vinculação desorganizada (Ver Cicchetti et al., 1995). Numa vinculação segura existe confiança por parte da criança face à capacidade de resposta da figura vinculação às suas necessidades, com respeito pela sua autonomia. Na vinculação insegura de evitamento, as crianças tendem a evitar e/ou ignorar a figura de vinculação que está emocionalmente indisponível, insensível e rejeita tentativas de aproximação. Por sua vez, a figura de vinculação insegura ambivalente é inconsistente na sua relação, tanto é próxima, como distante, não sendo considerada pela criança uma figura estável. A vinculação desorganizada é também caracterizada por um padrão de comportamentos contraditórios e apreensão em relação à figura cuidadora (Cicchetti et al., 1995).

Segundo Bowlby (1973), a relação estabelecida com os cuidadores, além de desempenhar um papel de proteção e integração do novo ser no meio, representa um papel determinante na regulação emocional, ao longo da vida. Os indivíduos continuam a desenvolver e a adaptar o seu estilo de vinculação, os seus modelos internos de si, dos

outros e do mundo, a forma como lidam com situações stressantes e como regulam as suas emoções.

Surgem mudanças, estabelecem-se relações entre pares caracterizadas idealmente por reciprocidade e segurança acompanhadas de uma crescente autonomização. Ao longo da vida, em função do contexto ambiental, erguem-se forças e surgem também novas fraquezas (Cicchetti et al., 1995; Nielsen et al., 2017).

Diversos resultados de investigação salientam a associação entre a elevada DE parental (DEP) e a vinculação ou representações de vinculação pais-criança (ver Almeida et al., 2022, Biringen & Robinson, 1991; Biringen 2008; Biringen et al., 1998; Biringen, 2000), em participantes com diferentes características (e.g., idades, nacionalidades e estatutos de risco psicossocial) (Biringen & Robinson, 1991). Os resultados estudo de Almeida et al. (2022) evidenciaram a DEP como um preditor relevante das representações de vinculação segura em crianças adotadas. O modelo que englobava a DEP, a idade da criança e a idade da criança no momento da adoção explicou 49% da variância da segurança das representações de vinculação das crianças no estudo realizado com famílias adotivas portuguesas (Almeida et al., 2022). Considerando a relação entre a DE e a vinculação materna, a ansiedade, como característica vinculativa materna (i.e., mães adotivas portuguesas), associa-se a uma maior falta de DE, mais especificamente ao nível da sensibilidade exibida em interação com os filhos adotivos (i.e., uma das dimensões da DE contemplada nas *Emotional Availability Scales; EAS* de Bringen et al. 1998; Biringen, 2008a, 2008b). Inversamente, as mães que cuja vinculação se revela menos ansiosa (i.e., com menos receio do abandono ou de não ser amadas/desejadas) tendem a revelar uma maior sensibilidade ao nível da sua DE com os filhos adotivos (Tubal, 2022). Adicionalmente, as mães cujos padrões vinculativos se caracterizavam por maior conforto na proximidade e intimidade na relação com os outros, bem como mais confiança na disponibilidade dos outros em relação a si em situações de necessidade proporcionavam uma maior DE aos filhos. Esta maior DE, era manifestada especificamente através de um melhor suporte e estrutura, verbal e não verbal, para as atividades, o jogo e a aprendizagem dos seus filhos, auxiliando-os, orientando-os para níveis superiores de funcionamento e de autonomia, estabelecendo regras e gerindo comportamentos de forma proativa (Tubal, 2022).

2.2.2. Disponibilidade Emocional e Estilos Educativos Parentais

As práticas educativas parentais e/ou os estilos educativos parentais e a percepção que os filhos têm dos mesmos apresentam um papel determinante no desenvolvimento da criança. Essas práticas e estilos, que tendem a ser reproduzidos como um modelo aprendido na infância, são entendidos como um conjunto de comportamentos que os pais, em conjunto ou separado, utilizam para integrar os seus filhos no mundo e ao mesmo tempo educá-los, inculcando-lhes valores, promovendo um desenvolvimento positivo (Cardoso & Veríssimo, 2013; Kobarg et al., 2010; Weber et al., 2006).

As práticas e os estilos educativos parentais, apesar de comumente confundidos, são distintos, uma vez que, as práticas representam comportamentos e estratégias utilizadas para suprir determinado comportamento e os estilos retratam o conjunto de atitudes dos pais em relação aos filhos (Alvarenga, 2001).

O desenvolvimento das crianças, depende em grande escala das práticas parentais, do envolvimento e da segurança da relação estabelecida. As relações estabelecidas entre pais e filhos são significativas e representam as variadas dimensões da vida do adulto, inclusive memórias de infância. As práticas parentais podem ser caracterizadas como positivas ou negativas. Quando positivas surgem associadas a um desenvolvimento positivo e construtivo, promovem o desenvolvimento de competências socioemocionais que permitem um maior ajustamento ao longo da vida, com base na autonomia e segurança. Em suma, entendem-se por práticas parentais positivas a resposta adequada às necessidades básicas, a DE na relação entre pais/cuidadores e filhos e a manifestação de emoções positivas, através de atitudes de abertura, suporte, proximidade acompanhadas de disciplina, expectativas claras e adequadas à idade (Doinita & Maria, 2015; Santos, 2021).

Por sua vez, as práticas parentais negativas têm consequências nefastas a nível emocional, e até a nível académico. São caracterizadas por indisponibilidade emocional, práticas punitivas, cuidados inconsistentes e negligentes (Santos, 2021).

Os pais e cuidadores, assumem um papel determinante na consolidação do eu-criança e adulto, no entanto é fulcral ter também em conta o contexto cultural e o estilo parental utilizado (Chaudhuri et al., 2009).

Baumrind, nos seus trabalhos na década de 60/70, definiu três estilos educativos parentais, discutidos até aos dias de hoje, o permissivo, o autoritário e o autoritativo, que de diferentes modos determinam quem a criança será na adultez (ver, Maccoby & Martin, 1983). O estilo permissivo é caracterizado por uma relação de autorregulação e reforço

positivo, a figura cuidadora regula a relação com baixa exigência e alta responsividade. O estilo autoritário assenta numa relação com limites e padrões claros e definidos, com altos níveis de exigência e baixa responsividade. O estilo autoritativo caracterizado por uma relação de alta exigência e responsividade, associa-se a crianças e adultos mais competentes emocionalmente. Por exigência e responsividade entende-se a atitude dos pais para impor limites e atitudes de compreensão e disponibilidade para com os filhos, respetivamente (Maccoby & Martin, 1983)

Quando se fala de estilos educativos parentais é inevitável não falar de suporte parental, de sensibilidade e de responsividade. O suporte parental envolve comportamentos de DE, envolvimento, aceitação, responsividade e cordialidade por parte do cuidador e de controlo, psicológico e/ou comportamental, características determinantes no estabelecimento da relação pai - filho (Chaudhuri et al., 2009; Cumming et al. 2000 citados por Kuppens & Ceulemans, 2019). De modo análogo, a sensibilidade e a responsividade do cuidador, conceitos que, de forma semelhante, descrevem a disponibilidade, o suporte, o afeto e a capacidade de resposta do cuidador face às necessidades da criança, influenciam a perceção da criança relativamente à afetividade, à sobreproteção e à rejeição sentida, moldando fatores como a sua personalidade e o seu temperamento.

Caraterísticas como suporte parental, sensibilidade e responsividade são determinantes na díade cuidador-criança e exercem grande influência no estabelecimento de relações, na segurança da vinculação estabelecida, na autoestima e até nos valores morais, maturidade e responsabilidade, uma vez que, sem o apoio e disponibilidade parental adequado as crianças, e mais tarde os adultos, tendem a desenvolver comportamentos de externalização e de internalização (e.g., agressão, ansiedade, insegurança, instabilidade) (Cardoso & Veríssimo, 2013; Doinita & Maria, 2015; Rothrauff et al., 2009).

A relação entre as memórias de infância das mães, quanto às práticas educativas dos seus pais, e a DE que estas apresentam com os seus filhos evidenciou-se relativamente a mães adotivas na interação com os seus filhos. As práticas educativas utilizadas durante a infância e adolescência materna, por parte dos seus pais em relação a si, influenciam a DE, especificamente em relação à estrutura que exibem na interação com os seus filhos (Tubal, 2022). O suporte emocional relativo às práticas educativas parentais experienciadas pelas mães adotivas na infância e adolescência influenciou indiretamente

a DE materna (ao nível da estruturação) e através do Conforto-Confiança como padrão vincutivo materno (Tubal, 2022).

Apesar da parca existência de literatura científica que explore diretamente a relação entre a DE e as Práticas Educativas Parentais, inúmeras investigações enfatizam a existência de associações importantes entre os aspetos contidos no construto da DE e algumas das características subjacentes às práticas educativas parentais.

A Disponibilidade Emocional Parental (DEP) tem sido igualmente associada a uma diversidade de resultados positivos no indivíduo (Almeida et al., 2022). A relação entre a DEP e a (Des)regulação emocional dos filhos tem sido explorada nas últimas décadas.

2.2.3. Disponibilidade Emocional e Regulação Emocional

A íntima relação entre os comportamentos dos pais e as emoções dos filhos, quer na infância quer na adolescência, têm repercussões ao longo da vida. Esta ligação, inicialmente, surge na forma de interações entre o cuidador e a criança no sentido de se regularem as emoções, de ambas as partes, sendo esta regulação um pré-requisito para outras determinantes fases do desenvolvimento (Diamond & Aspinwall, 2003).

O conceito de emoção, por si só, está envolvido numa relação de situação-resposta, em que se incluem sentimentos subjetivos, cognições, motivações, respostas psicológicas e comportamentais de cariz adaptativo e de sobrevivência no meio (Lang et al., 1972 citado por Diamond & Aspinwall, 2003). Neste sentido, e atendendo à complexidade do conceito de emoção, a regulação das emoções implica a manipulação – consciente ou inconsciente – de todos ou alguns desses fatores, acima mencionados, para a mudança do comportamento ou da situação em si (Eisenberg et al., 2000).

A regulação emocional, entre as muitas definições existentes, consiste na gestão das situações que ocorrem, iniciando, mantendo e modulando a ocorrência, a intensidade e a duração da expressão da emoção, através de estados internos, psicológicos, atencionais, motivacionais e comportamentais (Eisenberg & Spinard, 2004; Jabeen et al., 2013; Thompson, 1994).

O estabelecimento e a construção de estratégias de regulação emocional, durante os primeiros anos de vida, representa um processo de desenvolvimento, interno e externo, que permite respostas emocionais adequadas e adaptadas biológica e socialmente permitindo também o alcançar de objetivos (Eisenberg et al., 2004). Desta forma, é fulcral que se olhe para a Regulação Emocional como um produto da resposta que o cuidador

fornece à criança. A experiência emocional com os cuidadores primários (e.g., envolvimento, DE, estilos educativos) e o primeiro ano de vida são determinantes no desenvolvimento de competências de regulação. O cuidador é o responsável por responder aos sinais e necessidades da criança, fornecendo estímulos constantes, sendo que quando tal não ocorre e a figura cuidadora se mostra indisponível emocional e fisicamente para a criança, existe uma falha na resposta às carências da criança privando a sua regulação emocional, tendo efeitos ao nível do comportamento motor e fisiológico, bem como na aquisição de comportamentos de regulação (Field, 1994).

Estas competências e estratégias de RE complexificam-se ao longo do desenvolvimento, passando de um processo diádico de correção entre o cuidador e a criança para um processo autónomo, em que os indivíduos se tornam progressivamente mais conscientes, interiorizando e compreendendo os seus estados emocionais (Eisenberg & Fabes, 1992 citado por Kim & Page, 2013; Kim & Page, 2013; Sroufe, 1997).

A capacidade dos indivíduos se regularem emocionalmente aumenta não só com a idade, com o controlo da atenção e dos movimentos, mas também com a sucessiva atualização das expectativas dos adultos face à capacidade da criança em gerir as suas emoções e os seus comportamentos, em função da idade (Eisenberg & Morris, 2002).

A compreensão das emoções e da regulação continua a desenvolver-se e a atualizar-se até ao fim da infância e da adolescência, sendo que nesta última fase existe a consolidação do eu, da sua identidade e das suas crenças sobre a regulação emocional. Os pais, mais que as figuras parentais, exercem um papel determinante neste estágio do desenvolvimento (Eisenberg & Morris, 2002; Thompson, 1994).

As estratégias utilizadas na regulação emocional têm grande relevância no bem-estar, nas experiências afetivas e sobretudo no funcionamento interpessoal dos indivíduos, com grande influência das figuras parentais, das práticas e estilos na transmissão dessas competências (Gross & John, 2003; Shaw & Starr, 2019).

Na visão de Eisenberg et al. (1998) a DE influencia a regulação emocional dos indivíduos, isto é, quando percecionada indisponibilidade emocional por parte figura parental os filhos tendem a exibir dificuldade em regular as emoções (i.e., em gerir com flexibilidade as exigências do seu contexto). Os resultados de investigação têm relevado o impacto da indisponibilidade emocional parental (in)DE nos filhos. A (in)DE evidencia-se quando existe falta de qualidade da relação (e.g., ausência ou reduzida resposta à criança, distanciamento, falta de prazer nas interações) e em situações específicas (e.g., divórcio parental, conflito interparental, psicopatologia parental) (Lee & Gotlib, 1991;

Ziv et al. 2000). Associa-se a incontáveis consequências negativas ao longo do desenvolvimento, no normal funcionamento do indivíduo e no estabelecimento de vinculações seguras, podendo até ter mais impacto do que a ausência física do cuidador (Lee & Gotlib, 1991; Ziv et al. 2000).

Assim sendo, a (in)disponibilidade emocional apodera e condiciona a capacidade para compreender as emoções, o modo como são experienciadas e expressas.

2.3. A avaliação da Disponibilidade Emocional Parental: A *Lum Emotional Availability of Parents (LEAP)*

Tendo em consideração a importância deste construto Biringen et al. (1998) e Biringen (2008a, 2008b) desenvolveram as *Emotional Availability Scales (EAS)*, de cariz multidimensional, através do qual o construto de DE foi, numa primeira fase operacionalizado. Estas escalas avaliam a díade bidirecionalmente (i.e., os comportamentos interativos subjacentes à DE de cada parceiro interativo em relação ao outro). O facto de contemplar a forma como cada parceiro interativo afeta o outro através de comportamentos de disponibilidade emocional é uma característica, até à data, exclusiva destas escalas (Biringen et al., 2014). Não obstante a riqueza e a amplitude da informação interativa relativa à DE passível de ser avaliada com as *EAS* algumas das suas características podem condicionar o seu uso na prática profissional e/ou no domínio da investigação. Para se utilizar as *EAS* é necessário fazer uma formação e obter acordo interobservadores com os autores responsáveis pela escala para se conseguir um certificado de utilização, que deve ser renovado ao longo do tempo (Biringen., 2008a, 2008b; <https://emotionalavailability.com>) que faça a observação da(s) situação(ões) da díade e efetue a cotação dos comportamentos observados com base nos diversos itens da escala, ou que a situação seja filmada para posterior visualização e cotação. Em qualquer uma das situações a dupla cotação das situações interativas observadas pretende aumentar a fidelidade dos resultados obtidos (Biringen., 2008a, 2008b; <https://emotionalavailability.com>). Desta forma, torna-se imperativo diversificar a operacionalização do construto de DE, desenvolvendo ou investigando formas alternativas e/ou complementares de avaliar a DE.

Mais tarde surge a LEAP. A *Lum Emotional Availability of Parents (LEAP)*, foi concebida e validada por Lum e Phares (2005), para a população norte americana, e tem como população-alvo crianças, adolescentes e adultos, entre os 9 e os 25 anos de idade. A LEAP é uma escala de autorrelato, que avalia as perceções dos filhos acerca da

disponibilidade emocional (DE) dos seus pais (i.e., mãe e pai separadamente). É composta por 15 itens que avaliam a DE da figura materna e os mesmos 15 itens relativos à DE percebida relativamente à figura paterna. Os resultados relativos à LEAP original demonstraram propriedades psicométricas adequadas, no que se refere à sua fidelidade e validade.

A LEAP, como medida psicométrica de avaliação da Disponibilidade Emocional Parental (DEP), foi desenvolvida e validada no decurso da realização de um conjunto de 4 estudos (i.e., dois estudos piloto e dois estudos formais) (Lum & Phares, 2005). Numa fase inicial, a LEAP foi desenvolvida com adolescentes e jovens adultos. Numa fase posterior a medida foi alargada para ser utilizada também com crianças a partir dos 9 anos de idade, em amostras clínicas e não clínicas (Lum & Phares, 2005). As principais características e resultados dos 4 estudos de Lum e Phares (2005), para elaborar e validar a LEAP, são dignas de destaque (ver tabelas 7, 8 e 9, em anexo 1, 2, 3).

O primeiro estudo piloto foi de conceção da escala (N = 220 adolescentes e jovens adultos), de onde emergiram os 15 itens finais da escala para avaliar a disponibilidade emocional percebida relativamente às mães e aos pais, separadamente. Foram aplicados alguns critérios de exclusão de itens considerando os 153 itens inicialmente formulados pelos estudantes de psicologia, por exemplo: (a) itens cuja exclusão implicava o aumento significativo do coeficiente *alfa de Cronbach* (i.e., itens que quando excluídos se verificava um aumento de pelo menos 0.001), melhorando consideravelmente a consistência interna da escala; (b) itens cujos resultados das correlações com o total da escala fossem, reduzidos (i.e., inferiores a 0.70); (c) itens cuja média era próxima dos extremos (i.e., 1 ou 6), ou cujos desvio padrão era muito pequeno (i.e., 1.50) uma vez que não permitiam a diferenciação evidente entre os participantes (Lum & Phares, 2005, Ver tabela 8, Anexo 1).

No segundo estudo piloto de conceção e validação da escala LEAP os adolescentes e jovens adultos participantes (N = 155) responderam aos itens selecionados para a versão final (Lum & Phares, 2005). Os resultados das análises efetuadas evidenciaram consistências internas consideradas de elevada confiabilidade (i.e., todas as correlações item-total escala foram superiores a 0.79) para ambas as formas, a materna e a paterna da LEAP (Lum & Phares, 2005, ver tabela 8, Anexo 1).

No terceiro estudo de validação, realizado igualmente com jovens adultos (N=168, Nreteste = 116; *Midade*=20.87; *DP* = 1.68), os resultados evidenciam a sua estabilidade temporal (i.e., 1 semana de intervalo entre o teste e o reteste; $\alpha = .92$ DE

materna e $\alpha = .85$ DE paterna), bem como a convergência com diferentes comportamentos emocionais parentais. Neste sentido, a LEAP associa-se positiva e significativamente com determinadas percepções relativas à disciplina familiar (e.g., aceitação, envolvimento positivo). Em relação às atitudes parentais intergeracionais, a LEAP associa-se positivamente à dimensão cuidado (relativamente a ambas as figuras parentais) e negativamente com a superproteção nas mães. A DEP revelou também relação, positiva, com a dimensão de preocupação parental e associou-se negativamente à manifestação de problemas comportamentais (i.e., internalizantes e externalizantes). Todas estas correlações ocorreram tanto no grupo clínico, como no grupo não-clínico. Coerentemente com o estudo anterior, estes resultados revelam que a LEAP é uma medida potencialmente útil para avaliar a disponibilidade emocional parental (Lum & Phares, 2005, ver tabela 8, Anexo 2).

O quarto estudo de validação foi considerado como uma “extensão descendente”, na medida em que alargaram a LEAP a faixas etárias mais jovens (i.e., crianças e adolescentes, entre os 9 e os 17 anos de idade) e a populações consideradas “clínicas”. Foram contemplados três grupos de participantes neste quarto estudo, um grupo de crianças e adolescentes que foi considerado “não clínico” ($N = 635$; $M_{idades} = 12,49$; $DP=3.07$), um outro grupo de crianças e de adolescentes considerado “clínico” (i.e., crianças e jovens que receberam apoio de serviços de saúde mental e/ou que participaram num programa de tratamento para crianças/jovens gravemente perturbados emocionalmente) E por fim, um terceiro grupo de participantes que contemplava mães e pais das crianças e dos adolescentes participantes no estudo ($N = 553$). Os resultados deste quarto estudo da LEAP revelaram-se concordantes com os dos estudos anteriores de validação da LEAP original. Foi identificado um fator para cada uma das versões (i.e., a DE materna e a DE paterna). A LEAP revelou uma forte estabilidade temporal (a curto prazo: 2-3 semanas de intervalo entre a administração do teste e do reteste), para ambos os grupos (i.e., clínico e não clínico) e relativamente a ambas as versões (i.e., materna e a paterna). No que se refere aos grupos “clínico” e “não clínico” foi possível constatar que as crianças e os adolescentes do “grupo clínico” percecionavam uma DEP mais reduzida comparativamente às crianças do grupo não-clínico. Esta tendência diferencial entre os resultados dos grupos clínico e não clínico foi semelhante relativamente a ambas as versões, a materna e a paterna (Lum & Phares, 2005). Resultados mais elevados de DEP associaram-se a resultados mais reduzidos de problemas emocionais (e.g., sintomas depressivos) e comportamentais (i.e., problemas de comportamento internalizados, e

externalizados, bem como menos problemas de comportamento em geral) relatados pelas próprias crianças e adolescentes (Lum & Phares, 2005). Desta forma, de acordo com os autores da escala original, a LEAP é uma nova medida cujas características refletem a sua potencial utilidade para identificar crianças em risco de problemas comportamentais e/ou emocionais devido à in(DEP) percebida pelos filhos (Lum & Phares, 2005). Neste quarto estudo foi também possível constatar as associações significativas entre as percepções das crianças e dos adolescentes relativamente à DE materna e a DE paterna. Destaca-se igualmente a coerência dos resultados considerando perspectivas diferenciais (i.e., a perspectiva da criança/do adolescente relativamente à DEP e a perspectiva das suas mães e dos seus pais no que diz respeito à sua própria DE exibida em relação aos seus filhos). Os autores da LEAP original concluem que a escala foi concebida como uma medida que revelou ter potencial utilidade para identificar crianças em risco de problemas comportamentais e/ou emocionais devido à in(DEP) percebida pelos filhos (Lum & Phares, 2005). Os autores assumem a LEAP como uma nova medida de avaliação da DEP, com diversas mais-valias importantes, nomeadamente ser de fácil e rápida administração, promissora e com o potencial de fornecer informações importantes (Lum & Phares, 2005). A possibilidade de alteração da DEP através de intervenções de natureza clínica e/ou educacional, que possam reduzir o risco de desenvolvimento de problemas comportamentais e/ou emocionais nas crianças e nos adolescentes (Lum & Phares, 2005), enfatizam a sua potencial relevância como instrumento com utilidade prática para os profissionais nas áreas da saúde e educação (ver tabela 9, Anexo 3).

2.4. Validações internacionais da LEAP

A LEAP foi validada, até à data e que seja do nosso conhecimento, em dois países diferentes, em Itália e na Turquia.

Na versão italiana da LEAP, desenvolvida por Barbore et al. (2014), o estudo foi constituído por dois grupos distintos de participantes de acordo com a sua faixa etária (i.e., entre os 10 e os 14 anos, e entre os 15 e 20 anos; $N = 578$; $Midade = 14.57$; $DP = 2.18$) (Barbore et al., 2014). Neste estudo de validação italiana o instrumento utilizado foi o *IPPA - Inventory of Parent and Peer Attachment* para avaliar a vinculação dos participantes e a sua relação com a DEP. A LEAP revelou uma consistência interna satisfatória (i.e., α de *Cronbach* = .93 para a DE materna e .95 para a DE paterna) (ver Barbore et al., 2014). Os resultados evidenciam que quer as mães, quer os pais são considerados emocionalmente disponíveis pelos filhos, embora os pais significativamente

emocionalmente menos disponíveis comparativamente às mães (Barbore et al., 2014). Salientou-se igualmente um decréscimo gradual da DEP percecionada no decurso do período da adolescência (Barbore et al., 2014). Evidenciaram-se igualmente associações positivas entre a DEP, avaliada com a LEAP e a vinculação, avaliada com o *IPPA*.

O estudo de validação da versão turca da LEAP, realizado por Gokçe e Yilmaz (2018), enfatizou a associação entre a DEP e a saúde mental, a funcionalidade, os estilos de relacionamento interpessoal, a perceção de suporte social na relação parental, as competências de adaptação e a regulação das emoções. Participaram no estudo adolescentes e jovens adultos (N=380), entre os 16 e os 25 anos, que residiam com os pais e que eram oriundos de grandes cidades Turcas (e.g., Ancara, Istambul, Esmirna, Bolu). Os resultados ao nível da consistência interna da LEAP revelaram-se positivos (i.e., α de *Cronbach* = .95 para a DE materna e .97 para a DE paterna, ver Gokçe & Yilmaz, 2018). Para além da DEP, avaliada através da LEAP, foram avaliados aspetos diversificados com instrumentos específicos, nomeadamente a dificuldade de regulação das emoções (através da *Difficulties in Emotion Regulation Scale; DERS*), os estilos de relacionamento (através da *Interpersonal Relationship Styles Scale, IRSS*), a perceção de suporte social (com a *Multidimensional Scale of Perceived Social Support; MSPSS*), e ainda a sintomatologia (com a *Brief Symptom Inventory, BSI*). Foi constatado o efeito significativo da DEP nos filhos, isto é, resultados mais elevados de DEP percecionada (materna e paterna separadamente considerados) associavam-se a relações interpessoais com um estilo mais positivo e a um nível mais elevado de apoio social multidimensional por parte dos filhos. Associavam-se igualmente a níveis mais reduzidos de dificuldades de regulação emocional, bem como a menos sintomas psicológicos (Gokçe & Yilmaz, 2018). Reduzidos níveis de DEP, por sua vez, associam-se a dificuldades na regulação das emoções e a desenvolvimento de psicopatologia, tendo impacto, em geral, sem distinção de resultados nas diferentes faixas etárias (Gokçe & Yilmaz, 2018). Adicionalmente, a relação entre a DEP percecionada e os sintomas psicológicos dos filhos são mediados pelas dificuldades na regulação emocional, pelos estilos de relacionamento interpessoal e pelo apoio social percecionado pelos filhos.

Ambos os estudos de validação internacional demonstram resultados promissores ao nível da fiabilidade e validade da escala LEAP (ver Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz, 2018).

2.5. A Disponibilidade Emocional Parental (LEAP): Resultados de Investigação

Nos últimos anos, a LEAP tem sido utilizada em alguns estudos com o intuito de compreender e avaliar a relação e/ou o impacto da DEP em inúmeros aspetos relativos ao indivíduo.

No que se refere à relação existente entre a DEP (LEAP) e a saúde mental dos filhos, resultados de investigação evidenciaram que jovens diagnosticadas com depressão percecionam mais rejeição, negligência, comunicação negativa e indisponibilidade emocional (inDE) por parte das figuras paternas, comparativamente a jovens sem depressão, reforçando a relação entre a inDE e a saúde mental (Demidenko et al., 2014).

No mesmo sentido, o estudo de Eyüboğlu e Eyüboğlu (2020) explorou a relação entre a vinculação, a ansiedade e a depressão em adolescentes grávidas e a DEP relativamente aos pais destas adolescentes. Não foram encontradas diferenças entre a DE materna e a DE paterna. Contudo a associação entre a DEP e o bem-estar psicológico foi evidente. Quanto maior DEP, menor a sintomatologia depressiva. Adicionalmente, quanto maior a DEP melhores resultados ao nível da vinculação segura, reforçando a ideia de que uma vinculação segura implica a experiência de uma relação parental-filial positiva, construtiva, responsiva e calorosa.

No estudo de Benedetto e colaboradores (2018) foram investigados os comportamentos dos pais cujos filhos tinham sintomatologia ansiosa. Através da utilização da LEAP foi apurada que a perceção de inDE despoleta o desenvolvimento de ansiedade, com especial influência no sexo feminino. A figura materna revelou ter impacto nas filhas e a figura paterna nos filhos.

No sentido de avaliar a perceção dos adolescentes relativamente às figuras parentais e a sua relação com o funcionamento dos adolescentes Bosco e colaboradores (2003) desenvolveu uma investigação. Neste estudo, as figuras parentais foram consideradas disponíveis emocionalmente (DE) e os filhos revelaram sentimentos positivos pelas mesmas. Resultados que se associam a um normal funcionamento, evidenciando a relação entre a DE e funcionamento adaptativo.

À semelhança do estudo anterior, Renk e colaboradores (2006) pretendeu determinar também a relação entre a perceção das filhas relativamente às figuras parentais, a disciplina experienciada na infância e o funcionamento das jovens. Neste sentido, os resultados revelaram que as jovens que experienciaram práticas parentais severas (i.e. com dano psicológico) percecionam os pais como figuras negativas e inDE, enquanto as jovens que percecionam as suas figuras parentais como positivas,

percecionaram também altos níveis de DE, contribuindo para um funcionamento adequado, uma vez que não existe dano psicológico.

Na construção e validação da escala CARTS os autores utilizaram a LEAP para explorar a relação entre a DEP, a vinculação e o trauma na infância. Os resultados apontaram que, quando percecionada inDEP as crianças e jovens são mais suscetíveis a experienciarem afetividade negativa, realçando o impacto da DE na vida e desenvolvimento positivo dos indivíduos (Frewen et al., 2013). A relação parental-filial e a percepção que os filhos têm dessa relação tem impacto na saúde mental. Nesse sentido, em 2016, Barbore e colaboradores explorou a ligação entre a depressão, a autoestima e a tríade filho-pais. Neste estudo, foi constatado o impacto de uma relação parental positiva (i.e., vinculação segura), da percepção de DE e da autoestima na atenuação sintomatologia depressiva, reforçando e amplificando o efeito de relações significativas, da segurança vivida e do apoio experienciado no bem-estar geral.

A potencial transgeracionalidade dos sintomas depressivos e da ansiedade na relação entre pais e filhos, bem como a associação com a DE e as competências sociais foi explorada no estudo de Curran (2016). Os resultados evidenciaram que uma menor DE materna percecionada se associava a sintomatologia depressiva materna, a sintomatologia depressiva nos filhos, bem como menores competências sociais nos filhos. Evidenciou-se a tendência de que quanto maior era a sintomatologia depressiva materna menor DE materna percecionada pelos filhos. Inversamente, quanto maior a percepção de DE materna, mais e melhores competências sociais exibidas pelos filhos (Curran, 2016).

A percepção dos filhos e o impacto da DE em situação de luto por perda de um animal de estimação foi também investigada por Schimidt e colaboradores (2020), através da LEAP. Os resultados demonstraram que as figuras parentais representam um papel determinante no luto, sendo considerados DE e fonte suporte emocional. A escala revela neste sentido a sua abrangência aos inúmeros contextos de vida.

A DE paterna (LEAP) influencia o bem-estar subjetivo, a satisfação ao longo da vida, bem como a manifestação de emoções positivas (e.g., felicidade, esperança, entusiasmo) (Özbiler, 2020).

A DEP é percecionada como um fator protetor, associando-se à autoestima dos filhos, e/ou como fator de risco, uma vez que quando a DEP é reduzida parece exercer impacto na manifestação de sintomatologia depressiva e ansiosa, associando-se também à adoção de comportamentos de risco, na adolescência e na vida adulta (ver Barbore et al., 2016, 2017; Demidenko et al., 2014; Eyüboğlu & Eyüboğlu, 2020; Renk et al., 2006).

Uma menor DEP (avaliada com a LEAP) associa-se a comportamentos de adição à internet por parte dos filhos (Karaer & Akdemir, 2019). Os pais de jovens com adição à internet são percebidos pelos filhos como pouco disponíveis e afetuosos, muito distantes, intrusivos e controladores. Desta forma, intervir ao nível da DEP poder ser relevante quando se considera a intervenção preventiva da adição à internet (Karaer & Akdemir, 2019). A inDE da figura materna revela ser um preditor para o desenvolvimento desta adição (Trumello, 2017).

Ao nível dos comportamentos disruptivos, ainda que os problemas de comportamento na adolescência sejam quase entendidos como normativos, são alguns os fatores protetores. A investigação tem também explorado a relação da DEP com os problemas internalizados e externalizados nos jovens. Os jovens que relatam uma DE materna mais elevada revelavam menos problemas de comportamento, quer internalizados, quer externalizados (Coates, 2017).

A DE parental e a relação estabelecida entre pais e filhos (i.e., quando caracterizada por atitudes positivas, de aceitação, suporte, carinho, etc.) interfere, positivamente, na manifestação de comportamentos agressivos no geral, internalizantes e externalizantes (Barbore et al., 2017; White & Renk, 2012). A DE influencia também a RE, fulcral na manutenção de comportamentos socialmente aceitáveis (i.e., maior a percepção de DE, menores as dificuldades de RE, menor a manifestação de comportamentos agressivos) (Ozdogan & Onder, 2018).

Uma maior DEP percebida (avaliada com a LEAP) encontra-se negativamente associada à adoção de comportamentos agressivos. Durante a adolescência a DE materna percebida foi significativamente superior à DE paterna percebida. (Coates, 2017; White & Renk, 2012).

Foi também investigada a relação existente entre a DEP (LEAP), percebida por adolescentes e jovens adultos, e os sentimentos experienciados em ambiente familiar, nomeadamente o conflito interparental. Os resultados apontaram que quanto maior e mais prolongado o conflito entre os pais, menor a DEP percebida pelos filhos, principalmente no que se refere à DE da figura paterna, e menor a qualidade da relação parental-filial, especialmente com a figura paterna (Clark & Phares, 2004).

O bem-estar subjetivo é sinónimo de qualidade de vida e uma boa relação/percepção das figuras parentais representa um fator protetor para a resiliência. Filhos que percebem os pais como DE, ao longo da vida, experienciam mais emoções

positivas, maior satisfação ao longo da vida e são mais resilientes, evidenciando, mais uma vez, o potencial das relações positivas e construtivas (Ozbiler, 2020).

Tal como constatado, os resultados de investigação recente têm evidenciado a associação da DEP (avaliada através da LEAP) a uma diversidade de resultados dignos de destaque, ao nível da saúde mental, do comportamento e de outros problemas das crianças, adolescentes e/ou jovens adultos. Desta forma a DEP (avaliada através da LEAP) assume-se como um aspeto relacional relevante a considerar na investigação e na prática no âmbito da psicologia.

3. Relevância da Disponibilidade Emocional Parental e da sua avaliação através da LEAP

Como exposto anteriormente nos estudos previamente explanados, é possível constatar a existência de inúmeros fatores associados à DEP. Desta forma, reitera-se a importância da existência de uma escala que permita avaliar a DEP.

A *Lum Emotional Availability of Parents* (LEAP; Lum & Phares, 2005) consiste num questionário de avaliação, de autorrelato, acerca da perceção da DEP por parte dos filhos. Tem algumas características que se assumem como vantagens na sua utilização. A sua administração é simples, fácil e rápida, quer para quem os aplica, quer para os respondentes. Esta aplicação rápida e descomplicada do questionário alivia os implicados de qualquer tipo de pressão. Esta simplicidade também o torna um instrumento que pode ser utilizado com uma faixa etária relativamente abrangente (i.e., 9-25 anos), que engloba crianças, adolescentes e jovens adultos. Desta forma permite captar as alterações na perceção da DEP ao longo do desenvolvimento, tendo potencial utilidade na realização de estudos longitudinais. A aplicação da LEAP não é dispendiosa, uma vez que não requer formação, certificação, codificação e acordo-interobservadores. Permite a avaliação rápida e simultânea da DE materna e paterna (i.e., 15 itens para a DE da mãe e os mesmos 15 itens para a DE do pai). Pode ser utilizado em contextos diversificados, nomeadamente em contextos clínicos (Barbore et al., 2014). A LEAP revelou igualmente o seu potencial para identificar crianças e adolescentes em risco de problemas comportamentais e/ou emocionais devido à in(DEP) percecionada pelos filhos relativamente aos pais (Lum & Phares, 2005).

A DEP, avaliada através da LEAP, associa-se a uma diversidade de outras variáveis relevantes no desenvolvimento humano, nomeadamente a outros aspetos

relativos à parentalidade, aos comportamentos, à vida sócio emocional, e de saúde mental dos indivíduos.

É devido à relevância da DEP e às inúmeras vantagens associadas à escala *Lum Emotional Availability of Parents* (LEAP; Lum & Phares, 2005) que se salienta a importância de traduzir, validar e adaptar esta escala para a população portuguesa. Pode assim constituir-se como uma medida complementar e/ou alternativa a outras escalas já existentes que avaliam a DEP (i.e., EA Scales). A validação de medidas permite uma maior diversidade de instrumentos que podem ser utilizados em cada país, bem como, relativamente à LEAP uma maior homogeneização internacional no que diz respeito à avaliação da DEP, que permitirá uma maior facilidade na comparação entre resultados oriundos de diferentes países, com populações com características diferentes.

4. Problemática

Atendendo à literatura previamente exposta é de salientar a importância da DE para o desenvolvimento saudável e normativo, para a saúde mental e bem-estar, bem como para o estabelecimento de relações positivas e edificantes ao longo da vida (Biringen & Robinson, 1991; Bretherton, 2015; Emde, 1980; Lee & Gotlib, 1991; Lum & Phares, 2005).

A DE, apesar de impactante na construção do indivíduo, nas emoções e nas relações que estabelece, encontra-se num estágio recente no que concerne ao desenvolvimento de conhecimento científico (Ainsworth, 1989; Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017; Lum & Phares, 2005). A evolução de conhecimento sobre a DE surge condicionado pela escassez de instrumentos desenvolvidos para a população portuguesa acessíveis aos profissionais da área da psicologia.

A elaboração, adaptação e validação de medidas que avaliem o construto permite que se estime o impacto na vida dos indivíduos, bem como as implicações emocionais que transcendem as variadas dimensões de conduta dos participantes (e.g., regulação emocional, vinculação). A avaliação de DE permite a abertura de novos horizontes na prática psicológica, na intervenção e educação pessoal e social, considerando-se pertinente o desenvolvimento e adaptação de instrumentos que permitam o entendimento e crescimento do construto.

Deste modo, o estudo a realizar no âmbito desta dissertação de mestrado em Psicologia da Educação pretende adaptar e validar a Escala LEAP (i.e., *Lum emotional availability of parents*) de Lum e Phares (2005) para a população portuguesa, entre os 18

e os 25 anos. Esta escala foi desenvolvida nos EUA em 2005 e adaptada até à data em Itália, por Barbore et al. (2014), e na Turquia, por Gokçe e Yilmaz (2017).

Tendo em consideração a literatura apresentada e os estudos de validação realizados anteriormente, é esperado: que não existam diferenças significativas na perceção de DE entre sexos, isto é, ambas as figuras parentais serão consideradas disponíveis emocionalmente; encontrar uma associação entre maiores níveis de perceção de DE e maior regulação emocional; apurar a relação entre a DE e os estilos parentais; investigar a associação entre a vinculação e a DE, com expectativa de que quanto maior e melhor for a perceção de vinculação, maior será a perceção de DE. Espera-se que sejam alcançados fatores como a estrutura interna (1), e validade (consistência interna) do instrumento (2). Pretende-se de igual forma contribuir para a validade de construto através da avaliação da validade convergente, determinando as associações existentes entre a DE parental percecionada e os estilos educativos parentais (3); para avaliação da validade divergente é esperada a compreensão das associações entre DE parental percecionada e a regulação emocional (4); para validade preditiva é investigada a relação entre a DE e a vinculação (5).

5. Método

5.1. Participantes

O presente estudo contou com a participação voluntária de 413 jovens adultos portugueses, entre os 18 e os 25 anos de idade. A amostra final é composta por 401 participantes, uma vez que 12 participantes foram excluídos das análises pelo facto de não terem respondido à grande maior parte das questões do questionário. Em termos de género dos participantes, o género feminino é o com maior representatividade no estudo ($n=332$), ($M_{idades} = 21,59$; $DP = 1.77$), 66 do género masculino ($M_{idades} = 22,08$; $DP = 1.70$), 2 não-binário ($M_{idades} = 23,50$; $DP = 0.70$) e um dos participantes preferiu não indicar o género ($M_{idades} = 22,08$; $DP = 1.70$).

A maioria dos participantes são estudantes ($n = 267$; 63,5%), dos quais 1,6% é trabalhador-estudante, sendo que aquando do preenchimento do questionário 0,8% se encontrava a realizar estágio, em diferentes áreas. 5,9% dos participantes trabalha no Atendimento ao Público/Vendas, 4,5% tem uma profissão na Área da Saúde e/ou Educação e 2,5% realiza trabalho de tipo Administrativo/Recursos Humanos. Adicionalmente 2% dos participantes exerce funções em outro tipo de áreas (e.g., Música, Eletricidade, entre outros) e apenas 1,7% se encontra no desemprego.

Tal como em estudos de validação prévios (ver Barbore et al., 2014; Lum & Phares, 2005), no presente estudo, optou-se por considerar um grupo etário específico (i.e., 18-25 anos). O facto de existirem características desenvolvimentais específicas e diferenciadoras em cada faixa etária, com potencial impacto na forma como os filhos percebem a relação com os pais e a sua disponibilidade emocional (que poderá diferir em crianças, adolescentes e jovens adultos), levou a esta opção de restringir o estudo a esta faixa etária. Adicionalmente, esta opção tem como implicação o facto de o processo de recolha de dados ser de mais fácil gestão pela uniformização de procedimentos, bem como pelo facto de a recolha de informação junto desta faixa etária não ter como exigência ética e legal a solicitação e obtenção de autorização parental para responder ao questionário. A validação portuguesa da escala LEAP na faixa etária dos 9 aos 17 anos está a ser realizada por outro elemento da mesma equipa de trabalho de investigação.

6. Instrumentos

6.1. Questionário Sociodemográfico

Foi criado e aplicado um questionário sociodemográfico, na plataforma *Google Forms* no âmbito desta dissertação de mestrado, com questões consideradas pertinentes com objetivo de recolher informação dos participantes tal como a idade, o género, a profissão, a nacionalidade e naturalidade, o estado civil (e o tempo há que está na relação), as habilitações literárias, a existência de filhos, se vive com os seus pais biológicos aquando do momento do preenchimento do questionário, a composição do agregado familiar, o estado civil dos pais, as habilitações literárias, as profissões e as idades dos mesmos, permitindo, deste modo, caraterizar a amostra.

6.2. Lum emotional availability of parents – Versão Portuguesa

A Lum emotional availability of parents (LEAP), desenvolvida por Lum e Phares (2005), visa avaliar a perceção de DE dos filhos relativamente aos pais, em idades diversificadas (i.e., 9-25 anos), incluindo a faixa etária entre os 18 e os 25 anos. A LEAP inclui a versão materna (LEAPm) e a paterna (LEAPp) ambas com os mesmos 15 itens. Cada item é avaliado através da escala de tipo *Likert*, entre 1 e 7, sendo que 1 corresponde a *Nunca* e 7 a *Sempre*, na forma de autorrelato. O instrumento tem revelado elevada validade e fiabilidade.

No que se refere à consistência interna do instrumento, no estudo de validação original apresentou valores de Alfa de *Cronbach* adequados em todos os estudos

realizados. No estudo de criação dos itens apresentou valores de .98, na versão materna e paterna. No estudo realizado para validação da escala, os valores de Alfa de *Cronbach* situaram-se nos .92 para a versão materna e .85 para a versão paterna. No último estudo, de “Extensão Descendente”, que contou com a participação de 3 grupos distintos, na amostra não-clínica os valores foram .96 para a versão materna e .97 para a versão paterna; na amostra clínica .92 para a versão materna e .93 para a versão paterna; na amostra composta pelos pais dos participantes os valores foram de .93 para a versão materna e .95 para a versão paterna (Lum & Phares, 2005). Na validação italiana os valores Alfa de *Cronbach* foram de .93 para a versão materna, e de .95 para a versão paterna (Barbore et al., 2014). Por sua vez, na validação turca os valores apurados foram de .96 para a versão materna, e de .97 para a versão paterna (Gokçe & Yilmaz., 2017).

No presente estudo, LEAP Versão Portuguesa (LEAP-PT), obteve-se um Alfa de *Cronbach* para a versão materna LEAPm de .97, e para a versão paterna de LEAPp .97, ambos os resultados acima do limite exigido de .70 (ver Nunnally & Bernstein, 1994).

6.3. Instrumentos de Validade Convergente

6.3.1. EMBU - Memórias de Infância

Para avaliar as Memórias de Infância foi utilizado o EMBU – *Egna Minnen av Barndoms Uppfostran* desenvolvido por Perris e colaboradores (1980) cuja validação de uma versão abreviada para a população portuguesa foi realizada por Canavarro (1996). Este instrumento de autorrelato procura medir a frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas durante a infância e adolescência do indivíduo, em relação à figura paterna e materna, de modo separado (Canavarro, 1996).

A versão portuguesa é composta por 23 itens para a percepção referente à mãe e 22 itens para a percepção relativa ao pai – com exceção do fator Rejeição não ser significativo – com uma escala de resposta de tipo *Likert* de 4 pontos, que varia entre “*Não, nunca*”, “*Sim, ocasionalmente*”, “*Sim, frequentemente*” e “*Sim, a maior parte do tempo*”.

O instrumento permite avaliar três dimensões: o Apoio Emocional (comportamentos dos pais perante o filho que transmitem conforto e aceitação, isto é, práticas que fazem com que o filho se sinta seguro, aceite como pessoa e confortável na presença dos mesmos), Rejeição (comportamentos dos pais de pretendem a modificação da vontade do filho e que é sentida por este como desvalorização e como pressão, associando-se a castigos físicos, privações ou aplicações diretas de força para influenciar o filho) e Sobreproteção (proteção excessiva relativa a experiências indutoras de stresse,

intrusão e controlo excessivo nas atividades dos filhos, bem como padrões de realização muito elevados).

O EMBU–Memórias de Infância apresenta propriedades psicométricas consideradas aceitáveis (Canavarro, 1996), tendo sido em estudos recentes verificados bons índices de fiabilidade e validade com consistência interna e valores de *alfa* adequados (entre .73 e .91).

Para cada item a cotação varia entre 1 e 4 valores, sendo a cotação para cada uma das escalas o somatório dos itens pertencentes a cada. Para cada dimensão, resultados mais altos correspondem à perceção de níveis mais elevados das práticas educativas correspondentes, vividas na infância e adolescência.

6.3.2. Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20)

Esta escala construída por Simões e colaboradores (2014) em seguimento da primeira versão, intitulada de Escala de Desejabilidade Social de Coimbra (EDSC) que continha 22 itens, foi posteriormente atualizada e denominada de EDS-20. Tem na base a Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (MCSDS), de 1960 e a escala de Mentira (escala L) do Questionário de Personalidade de Eysenck, de 1985.

Visa avaliar comportamentos e atitudes considerados socialmente desejáveis, isto é, a desejabilidade social. Este instrumento, de autorrelato, está direcionado para indivíduos com mais de 16 anos, sendo composto por 20 itens de autorrelato, de resposta dicotómica “Sim” ou “Não”, tendo sido construída, com itens de cotação invertida, para investigação e avaliação psicológica em contexto comunitário, clínico e forense (Almiro et al., 2016). Na construção da EDS-20 foi tido em conta o tamanho da escala, preferencialmente, de extensão reduzida e a sua unidimensionalidade, posta em causa na MCSDS. A escala apresenta bons níveis de validade e precisão (*alfa* .85) (Almiro et al., 2016).

Relativamente à sua cotação, apenas o item 4 não está invertido, estando maioria dos itens estão cotados de modo inverso correspondendo o “*Sim*” a 0 pontos e o “*Não*” a 1 ponto, variando a pontuação total entre 0 e 20 pontos, correspondendo o nível de desejabilidade social ao somatório das pontuações de cada item. Na cotação, maior pontuação (superior a 13) significa que o sujeito avaliado apresenta um padrão de resposta de desejabilidade social, que se reflete na tendência para atribuir a si próprio comportamentos socialmente desejáveis e possível enviesamento, valores mais baixos (5 pontos) por sua vez associam-se a maior grau de sinceridade nas respostas.

6.4. Instrumento de Validade Divergente

6.4.1. Dificuldade na Regulação Emocional (VR) – EDRE-VR

A escala de Dificuldade na Regulação Emocional (versão reduzida) produzida por de Kaufman et al. (2015) foi traduzida e adaptada por Moreira e colaboradores (2020) para a população portuguesa. A escala, destinada à população portuguesa para adolescentes e adultos, é constituída por 18 itens distribuídos por seis subescalas, dos quais: Não Aceitação da Resposta Emocional, Dificuldades em Iniciar Comportamentos Orientados para Objetivos, Dificuldades no Controlo dos Impulsos, Falta de Consciência das Emoções, Acesso Limitado a Estratégias de Regulação Emocional e Falta de Clareza Emocional, cada uma destas subescalas é composta por 3 itens. O instrumento é de autorresposta e avalia as respostas dos sujeitos de acordo com uma escala de tipo Likert, sendo 1 (*quase nunca*) e 5 (*quase sempre*). No que concerne às propriedades psicométricas, este instrumento de avaliação revelou possuir uma elevada consistência interna *alfa* .91, uma boa fidelidade teste-reteste e validade preditiva e de construto adequadas (Moreira et al., 2020).

Nesta escala valores mais elevados associam-se a maiores dificuldades de regulação emocional.

6.5. Instrumento de Validade Preditiva

6.5.1. Escala de Vinculação do Adulto - EVA

A Escala de Vinculação do Adulto (EVA) é a versão portuguesa, traduzida e adaptada por Canavarro (1997) da *Adult Attachment Scale Revised* (AAS-R) de Collins e Read (1990) com a finalidade de avaliar a vinculação na população adulta, permitindo caracterizar a perceção dos sujeitos acerca da forma como se sentem face às suas relações de intimidade. A escala é composta por um questionário de autorresposta de 18 itens, sendo que a resposta para cada questão é efetuada tendo como base uma escala de cinco pontos tipo Likert, desde “Nada característico em mim” a “Extremamente característico em mim”, englobando a versão três fatores: o fator *Ansiedade*, o fator *Conforto com Proximidade* e o fator *Confiança nos Outros*.

O fator *Ansiedade* (α .84), que consiste na ansiedade sentida pelo indivíduo no que diz respeito a aspetos interpessoais relacionados com o receio de abandono ou de não ser desejado/amado (Canavarro, 1997) (e.g., item 15: “Quero aproximar-me das pessoas as tenho medo de ser magoado(a)”).

O fator *Conforto com Proximidade* ($\alpha .67$), que avalia em que medida o indivíduo se sente confortável com a proximidade e intimidade (Canavarro, 1997) (e.g., item 14: “Quando precisar, sinto que posso contar com as pessoas”).

O fator *Confiança nos Outros* ($\alpha .54$), que avalia em que medida o indivíduo sente disponibilidade dos outros, bem como o grau de confiança que tem nos mesmos (Canavarro, 1997) (e.g., item 16: “Acho difícil confiar completamente nos outros”. As subescalas de *Conforto com a Proximidade* e *Confiança nos Outros* podem ser agrupadas para se obter uma medida sintetizada de *Conforto-Confiança* (Canavarro, 1997; Canavarro et al., 1997, 2006; Collins, 2008). Cada uma das dimensões descritas é constituída por seis itens avaliados.

As características psicométricas da versão portuguesa apresentam utilidade e adequação quer em contexto clínico como em investigação.

7. Procedimentos

7.1. Procedimento de Recolha de Dados

Foi solicitada e obtida a autorização dos autores da LEAP (Lum & Phares), para a validação e a adaptação da escala para a população portuguesa. A tradução foi realizada individual e separadamente por diversos elementos da equipa de trabalho (i.e., Ana Susana Almeida, Catarina Martins, Carolina Franco e Joel Calado). Após a comparação das 4 versões, prosseguiu para retroversão para a língua original, inglês, realizada por uma pessoa bilingue, de forma a obter uma tradução coerente e congruente com a versão original. Obteve-se a versão final, depois de 10 portugueses nativos (e.g., dois psicólogos e oito não-académicos) terem aferido questões relativas ao estilo de escrita, à formulação de frases e ao conteúdo da escala portuguesa, não tendo sido detetados problemas.

Foram reunidos os instrumentos necessários para a investigação, nomeadamente Questionário Sociodemográfico, a *Escala de Vinculação do Adulto - EVA* de Canavarro, 1997, o *EMBU - Memórias de Infância* de Canavarro, 1996, a *Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20)* de Simões, Almiro e Sousa, 2014 e a *Escala de Dificuldade na Regulação Emocional (versão reduzida) – EDRE - VR* de Moreira, Gouveia & Canavarro, 2020) e procedeu-se à construção dos questionários *online*, com duração média de 15 minutos – através da plataforma *Google Forms*.

O projeto relativo à presente investigação foi inicialmente avaliado e aprovado pelo grupo de docentes afetos ao Mestrado de Psicologia da Educação, do departamento de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Algarve. Posteriormente, o

estudo e a recolha de dados foram realizados de acordo com os princípios éticos e deontológicos e aprovados pelo Encarregado de Proteção de Dados, pela Comissão de Ética da Universidade do Algarve (CEUalg Pnº 65/2021), bem como pelo Conselho Científico da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.

O questionário foi contruído na plataforma *Google Forms* e partilhado em redes sociais como o *Facebook*, o *Instagram*, *WhatsApp* e o *Twitter*. Toda a equipa de trabalho esteve envolvida na divulgação do questionário. O preenchimento do questionário foi realizado *online* individualmente, conforme as leis de proteção de dados. Os participantes foram informados acerca do cariz voluntário da participação no estudo, tendo sido também instruídos sobre as questões de anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos, bem como da possibilidade de terminarem a participação no estudo se se sentissem desconfortáveis, em algum momento, durante o preenchimento do questionário.

A recolha de dados do presente estudo realizou-se entre os meses de outubro de 2021 e maio de 2022. Procurou abranger o maior número e diversidade de participantes, entre os 18 e os 25 anos de idade.

7.2. Procedimento de Análise de dados

Numa perspetiva preparatória realizou-se uma análise exploratória preliminar de Estatística Descritiva, considerando os valores de média, desvio-padrão, mínimo e máximo, assimetria e curtose, bem como a exploração da distribuição gráfica das variáveis. Foi utilizado o teste MCAR *Little*, para avaliar o padrão de distribuição dos valores ausentes.

Executou-se uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), com rotação *varimax*, para cada versão da escala (i.e., LEAPm e LEAPp) com a finalidade de evitar questões estatísticas de covariâncias residuais (i.e., averiguar se as duas escalas não partilhavam itens e se as duas versões eram independentes). A AFE é a técnica utilizada para atingir uma melhor distinção entre os fatores de forma a extrair os itens que não apresentavam valores adequados, valores conhecidos através do critério de Kaiser (regra do *eigenvalues* < 1) (Field, 2009).

Foi também utilizada a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), recorreu-se aos testes Keiser Meyer Olkin (KMO), de forma a aferir se os itens estão suficientemente correlacionados entre si. Os valores de KMO podem ser classificados da seguinte forma:]0,9; 1,0] Excelente;]0,8;0,9] Boa;]0,7;0,8] Média;]0,6;0,7] Mediocre;]0,5; 0,6] Mau,

mas ainda aceitável; $\leq 0,5$ Inaceitável e o Teste de Esfericidade de Bartlett para avaliar as comunalidades (i.e., a quantidade de variância que uma variável partilha com outras variáveis incluídas na análise) sendo que quanto maior a comunalidade, maior será o poder de explicação daquela variável pelo fator (valor satisfatório $< 0,5$).

Foram realizadas duas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC), para cada uma das versões, para avaliar o ajustamento do modelo assumido pela literatura, à semelhança das validações realizadas noutros países. Recorreu-se aos seguintes índices de ajustamento: qui-quadrado (χ^2); *Tucker-Lewis Index* (TLI); o *goodness-of-fit index* (GFI); o *comparative fit index* (CFI); o *root mean square error o approximation* (RMSEA). Os valores de referência utilizados como critérios de ajustamento satisfatório do modelo aos dados foram os seguidamente identificados: SRMR $< .05$ (Hair et al., 2010), TLI $\geq .90$, (Byrne, 1994), GFI $\geq .90$ (Hair et al., 2010), CFI $\geq .90$ (Fan et al., 1999), RMSEA ≤ 0.10 (Hu & Bentler, 1999).

Foram analisadas as correlações dos itens com vista à análise da estrutura interna do instrumento, bem como a análise da consistência interna através do Alfa de *Cronbach*. Foram realizadas correlações entre a LEAP e os instrumentos escolhidos no processo (i.e., EVA, EMBU, EDRE -VR, EDS-20) de modo a relacionar e operacionalizar os diferentes construtos e os seus resultados/implicações no campo científico, bem como atender a questões de validade convergente, divergente e preditiva. Para avaliação da validade preditiva foram utilizados modelos de regressão no sentido de apurar a relação linear entre a variável dependente e as variáveis independentes. Por último, foram realizadas análises adicionais para apurar a associação entre a perceção de DE parental (DEP) em função do género dos participantes, através de uma análise ANOVA de medidas repetidas para analisar a associação entre o género dos participantes e a DE parental (DEP).

As análises estatísticas dos dados foram realizadas com recurso ao *software Statistical Package for the Social Sciences* – IBM SPSS AMOS 28.0 (versão IBM SPSS Amos 28.0 Microsoft Windows Multilingual) e ao *software JASP* 0.16.3 (2023), para a realização da Análise Fatorial Confirmatória (AFC).

8. Resultados

8.1. Análise da estrutura da LEAP-PT materna e paterna

8.1.1. Análise fatorial exploratória preliminar

Antes de realizar a análise da estrutura da LEAPm e da LEAPp, através da realização de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC), foram realizadas análises exploratórias preliminares, tal como recomendado por Tabachnick e Fidell (2013).

A análise dos dados revelou que 12 participantes não preencheram uma parte bastante considerável das escalas LEAPm e LEAPp. Desta forma, estes participantes foram retirados das análises efetuadas posteriormente. No que se refere aos 401 participantes restantes, os valores ausentes foram analisados. O teste MCAR de *Little* mostrou que a distribuição dos valores ausentes era aleatória ($\chi^2 = 267,02$; $df = 355$, $p = .99$). Uma vez que os valores ausentes eram aleatoriamente distribuídos e inferiores a 5% dos dados, foram substituídos pelo método da média.

A normalidade da distribuição das respostas para cada item das LEAPm e LEAPp foi analisada. Os indicadores de assimetria e de curtose (ver Tabela 1) foram examinados, tal recomendado por Kline (2011) e Tabachnick e Fidell (2013). Os valores de assimetria e curtose encontram-se abaixo dos índices máximos recomendados de 2 para a assimetria e 7 para a curtose (Bryne, 2010; Curran et al., 1996; Hair et al., 2010) ou de, respetivamente, 3 e 10 (Kline, 2011). De qualquer forma, o desvio da normalidade da assimetria e da curtose frequentemente não implica uma diferença substantiva nos resultados da análise quando as amostras são superiores a 200 participantes (Tabachnick & Fidell, 2013).

Os estudos prévios de validação da LEAP (i.e., Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017; Lum & Phares, 2005) consideraram as LEAP maternas e paternas como escalas independentes. Para verificar a independência das escalas LEAP portuguesas, a materna e a paterna (i.e., se as duas escalas não partilhavam itens), foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) baseada em *eigenvalues* superiores a 1 com uma rotação *Varimax* nos 15 itens para as mães e nos 15 itens para os pais, considerados em conjunto. O tamanho da amostra do presente estudo ($N = 401$) é superior ao tamanho (i.e., $N = 200$) e ao rácio itens/número de participantes de 1:10 recomendados para a análise realizada (ver Hair et al., 1995). A medida Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) de adequação de amostragem obteve o valor mínimo exigido ($KMO = .95$) e o Teste de Esfericidade Bartlett foi significativo, $\chi^2(df = 435) = 14958,199$ $p < .0001$ (Field, 2018). Os resultados evidenciaram que todas as comunalidades se situavam entre .61 e .82. Após a rotação

surgiu uma solução bem definida, onde os itens relativos à percepção de DE da mãe e do pai se distribuíram em dois fatores separados que foram designados LEAPm e LEAPp (ver Tabela 2). Esta solução corresponde a 74.84% da variância explicada. As LEAPm e LEAPp revelaram estar moderada e significativamente correlacionadas ($r = .39, p < .001$) indicando que, embora estivessem correlacionadas, não se sobrepunham e, portanto, podem ser consideradas como escalas distintas.

Tabela 1.*Estatísticas Descritivas por cada item da LEAPm e da LEAPp*

	Mín-max	<i>M</i>	<i>DP</i>	Assimetria	Curtose
Item 1 para mãe	1-7	6.02	1.26	-1.57	2.43
para pai	1-7	5.28	1.74	-0.87	-0.19
Item 2 para mãe	1-7	5.36	1.68	-0.92	-0.05
para pai	1-7	4.37	1.94	-0.03	-1.08
Item 3 para mãe	1-7	6.35	1.24	-2.33	5.46
para pai	1-7	5.56	1.75	-1.09	0.14
Item 4 para mãe	1-7	5.91	1.54	-1.56	1.73
para pai	1-7	5.01	1.92	-0.69	-0.70
Item 5 para mãe	1-7	5.86	1.44	-1.48	1.81
para pai	1-7	4.58	1.89	-0.51	-0.82
Item 6 para mãe	1-7	5.81	1.58	-1.39	1.09
para pai	1-7	4.81	1.96	-0.46	-1.04
Item 7 para mãe	1-7	5.16	1.64	-0.94	0.27
para pai	1-7	4.29	1.85	-0.31	-0.95
Item 8 para mãe	1-7	5.52	1.82	-1.14	0.19
para pai	1-7	4.51	2.11	-0.36	-1.24
Item 9 para mãe	1-7	5.90	1.57	-1.44	1.13
para pai	1-7	4.76	2.04	-0.51	-1.02
Item 10 para mãe	1-7	5.20	1.79	-0.94	-0.14
para pai	1-7	4.35	2.02	-0.27	-1.16
Item 11 para mãe	1-7	5.50	1.70	-1.14	0.38
para pai	1-7	4.73	1.99	-0.58	-0.90
Item 12 para mãe	1-7	5.62	1.76	-1.23	0.50
para pai	1-7	4.61	2.11	-0.43	-1.15
Item 13 para mãe	1-7	5.73	1.70	-1.35	0.83
para pai	1-7	4.92	2.11	-0.62	-1.02
Item 14 para mãe	1-7	5.60	1.60	-1.19	0.75
para pai	1-7	4.67	1.94	-0.44	-0.99
Item 15 para mãe	1-7	5.40	1.62	-1.01	0.26
para pai	1-7	4.61	1.77	-0.49	-0.72

Tabela 2.*Matriz de componentes após rotação Varimax.*

	LEAPp	LEAPm
Item 1 para mãe		.85
para pai	.88	
Item 2 para mãe		.83
para pai	.85	
Item 3 para mãe		.81
para pai	.85	
Item 4 para mãe		.86
para pai	.88	
Item 5 para mãe		.77
para pai	.81	
Item 6 para mãe		.82
para pai	.85	
Item 7 para mãe		.83
para pai	.82	
Item 8 para mãe		.76
para pai	.84	
Item 9 para mãe		.85
para pai	.87	
Item 10 para mãe		.86
para pai	.86	
Item 11 para mãe		.86
para pai	.87	
Item 12 para mãe		.87
para pai	.87	
Item 13 para mãe		.87
para pai	.87	
Item 14 para mãe		.84
para pai	.83	
Item 15 para mãe		.82
para pai	.83	
Variância Explicada (%)	36.63%	38.20%

Notas. N = 401; Todas as cargas fatoriais inferiores a .25 não foram reportadas. LEAPm = LEAP versão materna; LEAPp = LEAP versão paterna.

8.1.2. Análise fatorial confirmatória (AFC)

Uma vez que, os participantes responderam aos mesmos itens para classificar a DE da mãe e a DE do pai, alguns itens do LEAPm estão fortemente correlacionados com a sua respetiva versão na LEAPp. Portanto, foram realizadas separadamente duas análises fatoriais confirmatórias (AFC), ou seja, uma para o LEAPm e outra para o LEAPp, tal como sugerido nas validações da LEAP em outras línguas (ver Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz, 2017; Lum & Phares, 2005) em que utilizaram uma estratégia semelhante. A AFC foi realizada com o JASP 0.16.3 (2023).

Para avaliar o ajustamento dos modelos LEAPm e LEAPp recorreu-se aos seguintes índices de ajustamento (Marôco, 2021): o qui-quadrado (χ^2); o ratio χ^2/gl , o *standardized root mean square residual* (SRMR), o *Tucker-Lewis Index* (TLI); o *goodness-of-fit index* (GFI); o *comparative fit index* (CFI); o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). Os valores de referência utilizados como critérios de ajustamento satisfatório do modelo aos dados foram os seguidamente identificados: SRMR < .05 (Hair et al., 2010), TLI \geq .90, (Byrne, 1994), GFI \geq .90 (Hair et al., 2010), CFI \geq .90 (Fan et al., 1999), RMSEA \leq 0.10 (Hu & Bentler, 1999).

A análise dos índices de ajustamento (ver Tabela 3) revelou que os modelos de base LEAPm modelo 1, e LEAPp modelo 1, apresentavam índices de ajustamento inferior aos recomendados. Portanto, procedeu-se à análise da tabela de índices de modificação (Brown, 2006). A análise revelou que as variâncias dos erros entre os itens 6-12, 10-11, 2-3 estavam fortemente associadas no modelo LEAPm (modelo 1) e as variâncias de erro entre os itens 1-3,7-15, 13-14 estavam fortemente associadas no modelo LEAPp (modelo 1). Uma análise dos itens revelou que o significado dos itens correlacionados era muito próximo. Portanto, na base dos índices de modificação e no objetivo de considerar estas covariâncias residuais e de melhorar a qualidade do ajustamento dos modelos, os modelos foram modificados, ou seja, as correlações entre os itens foram acrescentadas em cada modelo (Marôco, 2021) (ver Figura 1). Os índices de ajustamento dos modelos modificados da LEAPm e da LEAPp apresentam índices de ajustamento globalmente satisfatórios (i.e., TLI, CFI e GFI \geq .90, SRMR < .05, RMSEA \leq 0.10), bem como uma combinação de índices de ajustamento RMSEA (.09 e 0.07) e SRMR (0.02 e 0.02) inferiores aos recomendados por Hu e Bentler (1999), segundo o Two-Index Presentation Strategy (i.e., RMSEA \leq 0.06 e SRMR \leq 0.09). Desta forma, os modelos modificados da LEAPm e da LEAPp foram considerados os modelos finais (ver Figura 1).

Tabela 3.

Índices de ajustamento dos modelos LEAPm e LEAPp

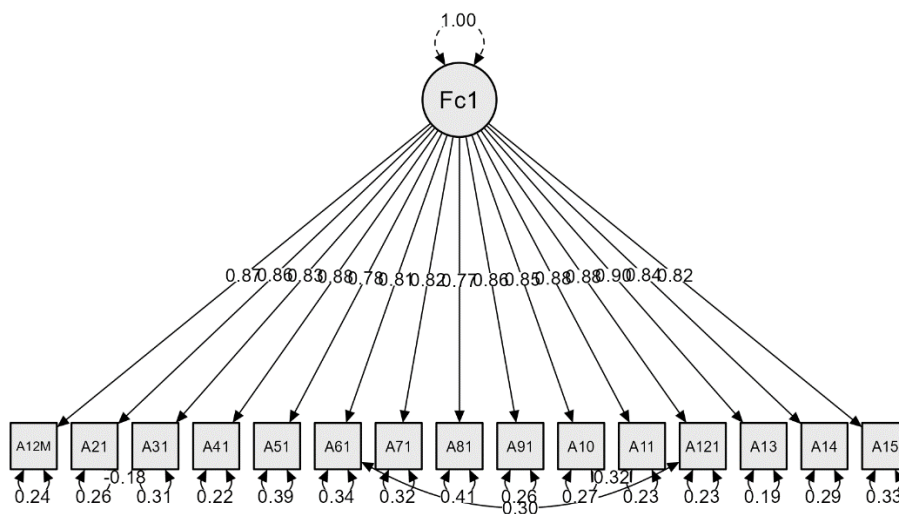
	LEAPm	LEAPm	LEAPp	LEAPp
	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 1	Modelo 2
	(inicial)	(modificado)	(inicial)	(modificado)
χ^2 (df)	487.84(90)	407.39 (87)	384.46(90)	293.71(87)
χ^2 /df	5.42	4.68	4.27	3.37
SRMR	0.03	0.02	0.02	0.02
GFI	0.85	0.87	0.87	0.91
CFI	0.94	0.95	0.95	0.97
TLI	0.93	0.94	0.95	0.96
RMSEA	0.10	0.09	0.09	0.07
IC 90%	0.09-0.11	0.08-0.10	0.08-0.10	0.06-0.08
PCLOSE	.000	.000	.000	.000

Notas. LEAPm modelo 2 = modelo modificado com erros de covariância entre os itens 6-12, 10-11, 2-3; LEAPp modelo 2 = modelo modificado com erros de covariância entre os itens 1-3,7-15, 13-14.

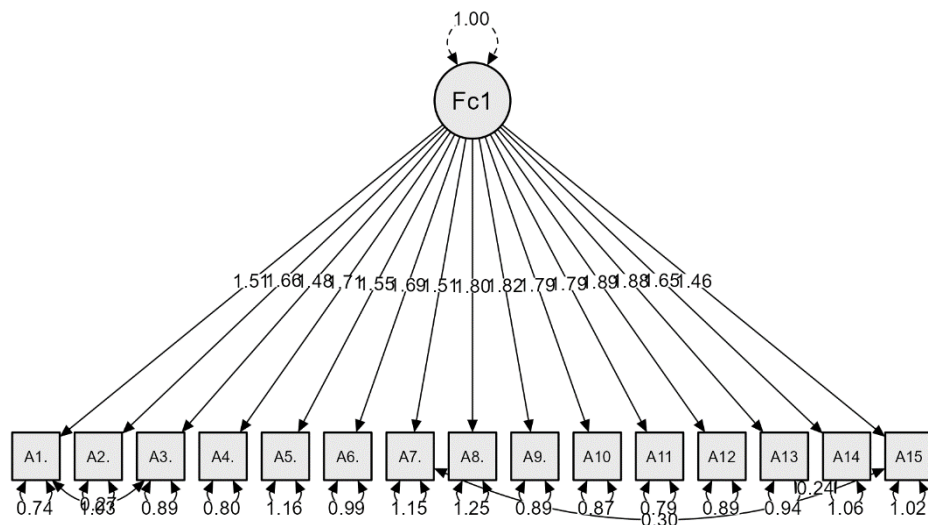
Figura 1.

Análise Fatorial Confirmatória da LEAPm e LEAPp

1.1 Modelo LEAPm (modificado)



1.2 Modelo LEAPp (modificado)



A **consistência interna** das LEAPm e LEAPp foi avaliada usando o Alfa de *Cronbach* (α). Foi também utilizado o índice de Confiabilidade Composta (i.e., *composite reliability*), para controlar os vieses do α de *Cronbach* uma vez que este é baseado na hipótese de que todos os itens contribuem igualmente para o construto, sem considerar a contribuição real de cargas individuais (o que pode subestimar ou superestimar a consistência interna dos fatores) (Barclay et al., 1995; Gotz et al., 2010). Os resultados do Alfa de *Cronbach* para a LEAPm ($\alpha = .97$) e para a LEAPp ($\alpha = .97$) são acima do limite exigido de .70 (Nunnally & Bernstein, 1994). Os índices de confiabilidades compostas (i.e., *composite reliability*) eram de .97 para LEAPm, e de .97 para a LEAPp, sendo acima do limite mínimo aconselhado de .70 (Hair et al., 2010). Portanto, a LEAPm e a LEAPp apresentam ambas uma boa consistência interna.

8.1.3. Validades convergentes e divergentes

Os valores ausentes nas variáveis medindo as Memórias de Infância (avaliadas através do EMBU), as dificuldades na regulação emocional (avaliadas através do EDREVR), a vinculação do adulto (avaliada através da EVA) e a desejabilidade social (avaliada através do EDS-20) foram analisados na base das respostas dos 401 participantes. O teste MCAR de *Little* mostrou que a distribuição dos valores ausentes era aleatória ($\chi^2 = 22.77$;

$df = 25, p = .59$). Considerando que os valores ausentes eram aleatoriamente distribuídos inferiores a 5% dos dados, os valores ausentes foram substituídos pelo método da média.

Na Tabela 4 são apresentadas as características descritivas das escalas em estudo, não tendo sido identificados quaisquer desvios à média no que se refere à normalidade da distribuição dos resultados (ver Tabela 4). Os valores de assimetria e curtose encontravam-se abaixo dos limites mínimos recomendados (i.e., 2 para assimetria e 7 para curtose; Curran et al., 1996) à exceção de Rejeição do pai (EMBU). Consequentemente, esta variável foi submetida a transformação logarítmica, para normalização dos valores (Tabachnick & Fidell, 2007). A nova variável, isto é, Rejeição do pai (ln), passou assim cumprir a recomendação de Curran et al. (1996) (ver Tabela 4). Não foram identificados *outliers* significativos, através do teste Grubbs, em qualquer variável, à exceção da dimensão Rejeição do pai (ln) em que foi identificado um valor extremo, que foi substituído pela média do grupo. Foi utilizada uma amostra de Teste-T contra o valor médio da escala (i.e. 3,5) para a Disponibilidade Emocional Materna e Paterna. Os resultados revelaram que a percepção de DE materna e de DE paterna era significativamente mais elevada que o valor médio da escala. Por outras palavras, os participantes consideraram as suas mães e os seus pais como emocionalmente disponíveis, de forma expressiva.

Tabela 4.*Caraterísticas Estatísticas das Escalas*

	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>A</i>	<i>C</i>	α
LEAP					
Materna	5.67 ^a	1.37	-1.40	1.43	.97
Paterna	4.72 ^a	1.71	-.64	-0.78	.97
EVA					
Ansiedade	3.24	1.00	-.26	-.91	.86
Conforto/Confiança	3.31	0.56	-.26	-.26	.74
EMBU					
Apoio Emocional – Mãe	3.15	.68	-.89	.28	.89
Apoio Emocional – Pai	2.71	.83	-.37	-.81	.91
Sobreproteção – Mãe	1.74	.52	1.07	1.19	.76
Sobreproteção – Pai	1.51	.45	1.28	1.48	.74
Rejeição – Mãe	1.43	.50	1.20	2.86	.83
Rejeição – Pai	1.37	.48	2.25	6.07	.82
Rejeição – Pai (ln)	.26	.28	1.29	1.32	
EDRE					
Estratégias	2.70	1.02	.32	-.57	.77
Não - Aceitação	2.62	1.09	.36	-.72	.80
Impulsos	2.21	1.09	.84	-.07	.88
Objetivos	3.57	1.07	-.42	-.65	.89
Consciência	4.10	.69	-.61	-.04	.89
Clareza	2.91	1.10	.18	-.79	.88
Desejabilidade social	1.44	0.15	.54	-.10	.63

Notas. N = 401; A = assimetria; C = Curtose; ^a = a média é significativamente diferente do valor médio da escala (i.e., 3.5; teste-t para uma amostra); LEAPm = LEAP versão materna; LEAPp = LEAP versão paterna; α = Cronbach alpha; ln = logarithm.

As correlações entre a escala de desejabilidade social e a LEAPm ($r = .03, p = .47$), bem como com a LEAPp ($r = .06, p = .20$) não se relevaram significativas, indicando que as repostas às escalas de DE materna e de DE paterna não eram associadas à tendência de desejabilidade social.

A Tabela 5 apresenta as correlações entre os fatores da LEAP e as escalas utilizadas no estudo (i.e., EVA, EMBU, EDRE).

Em primeiro lugar, os resultados evidenciaram que tanto a DE materna, como a DE paterna se encontravam estatística e significativamente associadas a diferentes dimensões de regulação emocional. Mais concretamente, quanto maior a percepção de DE dos filhos em relação à figura materna e à figura paterna, maior a consciencialização e conhecimento acerca dos próprios estados emocionais ($r_s = .13$ e $.14$ respetivamente), relatando menos dificuldades em encontrar estratégias para a regulação das suas emoções ($r_s = -.22$ e $-.12$, respetivamente). Curiosamente, apenas a percepção de DE em relação à mãe foi significativamente correlacionada com menores dificuldades em aceitar estados emocionais negativos ($r_s = -.20$), em manter o controlo e em ser menos impulsivo/a ($r_s = -.11$), em estabelecer objetivos quando se tornam emocionais ($r_s = -.11$) e em compreender os seus estados emocionais ($r_s = -.11$).

Além disso, a percepção de DE materna e paterna revelou associar-se a medidas clássicas de parentalidade como o EMBU. Mais precisamente, a DE das mães e dos pais correlacionou-se positivamente com a dimensão de Apoio Emocional do EMBU, e negativamente com a dimensão de Sobreproteção e Rejeição do EMBU (ver Tabela 5).

Em suma, os resultados evidenciaram que tanto a LEAPm, como a LEAPp, têm boas qualidades de validade convergente e divergente.

8.1.4. Validade Preditiva

Para testar a validade preditiva da LEAP, os tipos de vinculação (EVA) foram utilizados numa análise de regressão com a DE materna e paterna, controlada pelo sexo e idade dos participantes. Os resultados mostraram que a DE da mãe (mas não a DE do pai) era um preditor significativo de estilo de Vinculação Ansioso (ver Tabela 6, modelo 1). Além disso, tanto a DE materna como a paterna revelaram ser preditores significativos de Confiança–Conforto (ver Tabela 6, modelo 2).

Em suma, quanto mais reduzidos os níveis de ansiedade experienciados na relação de Vinculação, mais elevada a percepção de DE nas mães, mas não nos pais. Por sua vez, níveis mais elevados de Conforto–Confiança associam-se a uma maior percepção de DE, tanto nas mães como nos pais. A LEAPm e a LEAPp são preditores significativos da vinculação ansiosa, bem como do Conforto-Confiança. Confirmando a sua validade preditiva.

Tabela 5.*Correlações entre a LEAP, EVA, EMBU e EDRE.*

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1	DE Pai (1)	-	.38**	-.12*	.26**	.35**	.89**	-.13**	-.01	-.51**	-.29**	-.12*	-.09	-.08	.01	.14**	-.07
2	DE Mãe (1)		-	-.24**	.29**	.84**	.35**	-.30**	-.13**	-.28**	-.65**	-.22**	-.20**	-.11*	-.11*	.13**	-.11*
3	Ansiedade (2)			-	-.49**	-.21**	-.11*	.19**	.19**	.14*	.22**	.52**	.35**	.25**	.28**	-.13**	.40**
4	Conforto_Confiança (2)				-	.30**	.27**	-.24**	-.13**	-.18**	-.23**	-.33**	-.27**	-.20**	-.09*	.31**	-.40**
5	Apoio Emocional M (3)					-	.44**	-.232*	-.14**	-.31**	-.60**	-.24**	-.17**	-.13**	-.04	.14**	-.12*
6	Apoio Emocional P (3)						-	-.07	-.03	-.48**	-.24**	-.13**	-.08	-.07	0.03	.17**	-.09
7	Sobreproteção M (3)							-	.50**	.28**	.51**	.21**	.20**	.15**	.14**	.01	.11*
8	Sobreproteção P (3)								-	.50**	.28**	.19**	.16**	.18**	.12*	.01	.07
9	Rejeição P (3) (ln)									-	.50**	.20**	.18**	.20**	.10*	-0.07	0.2
10	Rejeição M (3)										-	.22**	.214*	.21**	.14**	-.10*	.07
11	Estratégias (4)											-	.61**	.57**	.55**	-.09*	.40**
12	Não - Aceitação (4)												-	.50**	.40**	-.12**	.38**
13	Impulsos (4)													-	.364**	-.16**	.35**
14	Objetivos (4)														-	0.01	.28**
15	Consciência (4)															-	-.41**
16	Clareza (4)																-

Notas. $N = 401$; DE = Disponibilidade Emocional; M = mãe; P = pai; (1) subescala da Lum Emotional Availability of Parents Scale (LEAPS); (2) = subescala da Escala Vinculação do Adulto (EVA); (3) = subescala de “Memórias de Infância” (EMBU); (4) = subescala da Escala Dificuldades de Regulação Emocional (EDRE); ln = logarithm; * $p < .05$. ** $p < .01$.

Tabela 6.*Modelos de Regressão*

	B	Error	Beta	<i>t</i>	<i>p</i>
Modelo 1 Ansiedade (EVA)					
$F(4,386) = 9.17, p < .001; R = .29; R^2 = .08$					
Interceção	5.87	.64		9.281	<.001
DE Pai (LEAPS)	-.01	.03	-.02	-.47	.637
DE Mãe (LEAPS)	-.17	.03	-.24	-4.58	<.001
Género	-.28	.13	-.10	-2.07	.039
Idade	-.05	.02	-.10	-2.06	.039
Modelo 2 Conforto – Confiança (EVA)					
$F(4,386) = 13,82, p < ,001; R = ,35; R^2 = ,12$					
Interceção	1.89	.35		5.33	<.001
DE Pai (LEAPS)	.05	.01	.16	3.315	.001
DE Mãe (LEAPS)	.09	.02	.23	4.5	<.001
Género	.08	.07	.05	1.08	.213
Idade	.02	.01	.07	1.53	.124

*Notas. N = 401; DE = Disponibilidade Emocional; LEAPS = Lum Emotional Availability of Parents Scale; EVA = Escala de Vinculação do Adulto; * $p < .05$. ** $p < .01$.*

8.2. Análises adicionais**8.2.1. Diferenças na DEP de acordo com o sexo dos participantes**

Foi realizada uma ANOVA de medidas repetidas para analisar a associação entre o género dos participantes e a DE parental. Os resultados não evidenciaram qualquer efeito do género dos participantes, ou seja, participantes do sexo feminino e masculino reportaram níveis semelhantes de DE materna e paterna, $F(1,396) = .05, p = .81$. No entanto, as mães foram globalmente avaliadas significativamente como emocionalmente mais disponíveis ($M = 5.66$) comparativamente à DE dos pais ($M = 4.74$), $F(1,396) = 63.22, p < .001; \eta^2 = .14$.

9. Discussão

Validação da escala LEAP para a população portuguesa

A DE é um construto teórico utilizado para avaliar os comportamentos parentais e os resultados nos filhos (e.g., a nível comportamental e emocional). Ainda que na literatura científica existam diferentes conceptualizações de DE, algumas das características transversais à DE parental são o envolvimento emocional, a sensibilidade e a responsividade exibidos (Biringen & Robinson, 1991; Lee & Gotlib, 1991; Lum & Phares, 2005; Schaefer, 1965) A DE além de um preditor da qualidade da relação com as figuras de vinculação, é também característica presente num ambiente emocional positivo, na promoção da autonomia, no apoio aos interesses do outro, no suporte e na exploração do meio (Almeida et al., 2022; Saunders et al., 2017).

A DEP tem sido identificada na literatura científica como estando associada a uma ampla diversidade de aspetos individuais e familiares, nomeadamente a aspetos da dinâmica familiar, como conflito interparental e/ou com os filhos (ver, Clark & Phares, 2004; Renk, 2014), à saúde mental das crianças, adolescentes ou jovens adultos (ver Barbore et al., 2016; Benedetto et al., 2018; Bosco et al., 2003; Curran, 2016; Demidenko et al., 2014; Eyüboğlu & Eyüboğlu, 2020; Frewen et al., 2013; Özbiler, 2020; Renk et al., 2006; Schmidt et al., 2020) e até a problemas de comportamento nos jovens (ver, Barbore et al., 2017; Coates, 2017; Karaer & Akdemir, 2019; Ozdogan & Onder, 2018; White & Renk, 2012; Trumello, 2017).

Neste sentido, é imprescindível a utilização de instrumentos que possam avaliar este constructo. A *Lum Emotional Availability of Parents* (LEAP; Lum & Phares, 2005) é um questionário de autorrelato, que avalia a perceção da DEP por parte dos filhos, possibilitando a avaliação simultânea da DE materna e da DE paterna. Para além desta característica da LEAP, destacam-se outras que a tornam uma mais-valia a sua utilização (e.g., administração simples, fácil e rápida, aplicável em contextos diversificados e a uma faixa etária abrangente, não é dispendiosa do ponto de vista económico e temporal na sua utilização, foi identificada pelos seus autores originais como tendo potencial para identificar indivíduos considerados em risco de problemas comportamentais/emocionais). Desta forma, os benefícios da tradução, adaptação e validação da LEAP para diferentes populações, culturas e línguas é evidente.

Neste contexto, o presente estudo teve como principal objetivo a tradução, a adaptação e a validação, para a população portuguesa, dos 18 aos 25 anos de idade, da escala LEAP, de Lum e Phares (2005), que avalia a perceção de DE dos filhos em relação

aos pais. Foi avaliada a estrutura interna do instrumento, analisada a validade convergente, a fiabilidade (i.e., consistência interna), a validade divergente, a validade preditiva do instrumento e comparados os participantes tendo em conta o sexo dos jovens adultos.

No que diz respeito à estrutura interna do instrumento LEAP-PT, realizou-se uma análise exploratória preliminar de Estatística Descritiva que considerou os valores de média, desvio-padrão, mínimo e máximo e os valores de assimetria e curtose que revelaram estar abaixo dos índices máximos recomendados (Bryne, 2010; Curran et al., 1996; Hair et al., 2010; Kline, 2011). O teste MCAR *Little*, revelou que a distribuição dos valores ausentes era aleatória ($\chi^2 = 267,02$; $df = 355$, $p = .99$). Uma vez que os valores ausentes eram aleatoriamente distribuídos e inferiores a 5% dos dados foram substituídos pelo método da média. A análise dos dados revelou que 12 dos participantes não responderam de forma completa às escalas LEAPm e LEAPp tendo sido retirados das análises efetuadas posteriormente.

À semelhança das validações anteriores (ver, Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017; Lum & Phares, 2005) foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), com rotação varimax nos 15 itens, para cada versão da escala (i.e., LEAPm e LEAPp). Após a rotação surgiu uma solução bem definida, onde os itens relativos à percepção de DE da mãe e do pai se distribuíram em dois fatores separados que foram designados LEAPm e LEAPp, representando 74,85% da variância explicada. Foi confirmada a estrutura unifatorial da DE materna e de DE paterna, (i.e., tal como em validações anteriores) (ver, Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017; Lum & Phares, 2005).

A medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) obteve o valor mínimo exigido (KMO = .95) e o Teste de Esfericidade Bartlett foi significativo, $\chi^2(df = 435) = 14958,199$ $p < .0001$. À semelhança das validações realizadas noutros países, foram realizadas duas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC), para cada uma das versões, que revelaram que os modelos de base LEAPm modelo 1 e LEAPp modelo 1 apresentavam índices de ajustamento inferior aos recomendados. Neste sentido, os modelos foram modificados com base nos índices de modificação, com objetivo de considerar as covariâncias residuais e de melhorar a qualidade do ajustamento dos modelos (Marôco, 2021) (ver Figura 1).

No que se refere às comunalidades os resultados evidenciaram que todas se situavam entre .61 e .82. o que indica que as variáveis têm um bom poder explicativo, isto é, são comunalidades favoráveis.

Relativamente à fiabilidade (i.e., a análise da consistência interna) foram analisadas as correlações dos itens. O presente estudo obteve um Alfa de *Cronbach* para a versão materna LEAPm de .97, e para a versão paterna de LEAPp .97, ambos os resultados acima do limite exigido de .70 (Nunnally & Bernstein, 1994). Os índices de confiabilidades compostas (i.e., *composite reliability*) eram de .97 para LEAPm, e de .97 para a LEAPp, sendo também acima do limite mínimo aconselhado de .70 (Hair et al., 2010). Portanto, a LEAPm e a LEAPp apresentam ambas uma boa consistência interna. Estes resultados são semelhantes às validações anteriores, patenteando as qualidades da escala (ver, Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017; Lum & Phares, 2005; capítulo 6.2).

Os resultados obtidos na análise das validades convergente e divergente revelam qualidade, uma vez que maioria das correlações são significativas. As correlações entre a escala de desejabilidade social e a LEAPm ($r = .03, p = .47$), bem como com a LEAPp ($r = .06, p = .20$) não se relevaram significativas, indicando que as respostas às escalas de DE materna e de DE paterna não eram associadas à tendência de desejabilidade social. No que se refere às características descritivas das escalas em estudo não foram identificados quaisquer desvios à média no que se refere à normalidade da distribuição dos resultados, à exceção da variável Rejeição do pai (EMBU), que foi submetida a transformação logarítmica, para normalização dos valores (i.e., nova variável Rejeição do pai (ln)). Através da utilização de uma amostra de Teste-T, constatou-se que os participantes do estudo consideraram as suas mães e os seus pais como emocionalmente disponíveis, de forma expressiva (i.e., resultados acima do valor médio da escala, 3,5).

A par da validação da escala, à semelhança de estudos anteriores (e.g., Lum & Phares, 2005; Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017), foram a avaliados outros construtos e relacionados com a DE (i.e., Vinculação, Estilos Educativos Parentais e Regulação Emocional). Todos estes construtos revelaram associações (i.e., positivas e/ou negativas), dignas de destaque, com a escala LEAP-PT.

Disponibilidade Emocional Parental e Vinculação

A relação da vinculação e a DE foi também estudada na validação da LEAP para a população italiana (ver Barbore et al., 2014), onde se correlacionou positivamente,

revelando que a percepção elevada de DE se associa a um estilo de vinculação segura e vice-versa. Com base nesse estudo, e atendendo à ampla literatura relativa à vinculação, era esperada uma relação entre estes construtos, acolhendo a importância da vinculação na construção do eu saudável e edificante (Aviezer, 1999; Bowlby, 1982; Volling, et al., 2002).

No presente estudo, para fins de validade preditiva, através de uma análise de regressão, averiguou-se os estilos/características de vinculação e a percepção de DE, controlada pelo sexo e idade dos participantes. O construto de DE, revelou correlações com ambos os fatores da escala (i.e., Ansiedade e Conforto – Confiança). O construto de DE surgiu associado à dimensão Ansiedade, que traduz um estilo de Vinculação Ansioso, indicativo de que quanto menor a experiência de ansiedade na relação vinculação, com a mãe, maior a percepção DE materna. O mesmo padrão não é observado relativamente à figura paterna.

Por sua vez, relativamente à Dimensão Conforto – Confiança, que avalia em que medida o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade, e em que grau sente disponibilidade e confiança nos outros. Os resultados revelam que quanto mais sentimentos de conforto e confiança forem experienciados na relação estabelecida com figuras de vinculação, maior a percepção de DE dos filhos em relação aos pais.

Estes resultados vão de encontro com a literatura, como demonstrado nos estudos de Eyüboğlu e Eyüboğlu (2020), Barbore e colaboradores (2016) e Demidenko e colaboradores (2014), em que a vinculação segura a um adulto significativo representa um fator protetor face ao desenvolvimento/atenuação de psicopatologias (e.g. depressão, ansiedade), evidenciando que a experiência de uma relação positiva, construtiva e de suporte com as figuras de vinculação, influência de modo positivo a percepção de DE.

Tais resultados corroboram a literatura, como referido por Bretherton (2000) e Easterbrooks e Biringen (2000) que colocam a DE e a vinculação num *continuum*, relação que se estimula e estrutura através de uma relação estável de suporte, aceitação e disponibilidade, consistente e construtiva.

Disponibilidade Emocional Parental e Estilos Educativos Parentais

Os estilos educativos parentais representam um papel determinante no desenvolvimento cognitivo e psicossocial, bem como na construção do eu-criança e adulto (Cardoso & Veríssimo, 2013; Chaudhuri et al., 2009; Kobarg et al., 2010; Weber et al., 2006). O desenvolvimento dos indivíduos depende, de grande modo, da relação

estabelecida com as figuras parentais, das atitudes por elas praticadas, do envolvimento, da disponibilidade, da segurança, do suporte e da proximidade da relação (Doinita & Maria, 2015; Santos, 2021).

No presente estudo, para efeitos de validade convergente, realizaram-se análises entre a LEAP e o EMBU (i.e., instrumento que avalia as memórias de infância relativas às práticas parentais vivenciadas). A dimensão Apoio Emocional, isto é, comportamentos dos pais perante o filho que transmitem segurança, aceitação e conforto revelou uma associação digna de destaque com a percepção de DE. Tais resultados evidenciam o impacto da disponibilidade parental nas práticas parentais, isto é, pais disponíveis emocionalmente promovem nos filhos sentimentos positivos, caracterizados por suporte, envolvimento e sobretudo disponibilidade emocional.

Por sua vez, as dimensões Sobreproteção e Rejeição (caracterizada por proteção excessiva, intrusão e controlo excessivo nas atividades dos filhos; comportamentos que pretendem a modificação da vontade do filho, desvalorizando e inculcando pressão, respetivamente) associaram-se negativamente à DEP (LEAP-PT), ou seja, pais que protegem demasiado os filhos (i.e., condicionando o seu bem-estar) e os tratam como subordinados, tendem a ser percebidos como menos emocionalmente disponíveis.

Estes resultados corroboram a literatura, uma vez que, segundo Santos (2021), as práticas parentais negativas têm consequências igualmente negativas, sendo caracterizadas por indisponibilidade emocional, práticas punitivas e cuidados inconsistentes. Algumas das investigações que utilizaram a LEAP apresentam resultados que reforçam o presente estudo, evidenciando o papel das práticas parentais positivas na percepção que os filhos têm dos pais e da sua DE, mostrando que quanto mais positiva a relação estabelecida com as figuras parentais, maior a percepção de DE, mais positivo o impacto na vida do indivíduo e maior o bem-estar ao longo da vida (ver, Barbore et al., 2016; Bosco et al., 2003; Eyüboğlu & Eyüboğlu, 2020; Ozbiler, 2020; Renk et al., 2006).

Disponibilidade Emocional e Dificuldades Regulação Emocional

Conforme exposto na introdução do estudo, é conhecida e, neste caso, constatada a relação de interdependência da DE, de ambas as figuras, e as Dificuldades na Regulação Emocional (ver, Eisenberg, 1998; Eisenberg & Morris, 2002; Gokçe & Yilmaz, 2018). No presente estudo, os resultados salientaram a associação entre a DEP (LEAP-PT) e várias dimensões da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional. Desta forma,

quanto maior a percepção DEP, menores as dificuldades de Regulação percebidas pelos jovens adultos portugueses em relação a si próprios.

Assim sendo, e especificando os resultados, a atenção, o cuidado prestado e a aceitação dos próprios estados emocionais são mais elevadas em jovens adultos portugueses que tendem a perceber uma maior DEP, relativamente a ambas as figuras parentais. Estes jovens relataram maior facilidade em encontrar estratégias de regulação emocional adequadas. No entanto, nem todas as dimensões se associaram com a DE paterna, ao contrário da DE materna, tal como a habilidade em aceitar e compreender os seus estados emocionais, positivos e negativos, para manter o controlo e ser menos impulsivo, bem como a capacidade de estabelecer objetivos quando se tornam emocionais, revelando que apenas a DE da figura materna (e não a DE paterna) se associa a estas situações de regulação emocional.

Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que utilizaram a LEAP, como o de Barbore (2017), Coates (2017), White e Renk (2012) e Ozdogan e Onder, (2018), que revelaram que a DEP tem influência nos processos de RE, originando crianças e jovens mais autorregulados (i.e., com menor manifestação de comportamentos agressivos e mais emoções positivas). Estes resultados corroboram a visão de vários teóricos e investigadores, isto é, a regulação emocional é o produto da díade criança – cuidador, (Eisenberg, 1994; Mikunlincer & Shaver, 2012) (i.e., a Regulação Emocional implica atitudes e comportamentos de DE parental).

Neste sentido, inferimos que a DE influencia a regulação emocional e que quando percebida indisponibilidade emocional são experienciadas dificuldades em regular as emoções e em gerir com flexibilidade as exigências do seu contexto (Eisenberg et al., 1998).

Diferenças na DE parental de acordo com o sexo dos participantes

Atendendo à literatura existente e às diferenças geralmente encontradas na percepção dos filhos em relação à DE da figura materna e paterna (i.e., mães percebidas como significativamente mais disponíveis) (ver Barbore et al., 2014; Lum & Phares, 2005; Renk et al., 2006), foi realizada uma análise para apurar as diferenças entre géneros. Não foram encontradas diferenças na DE parental percebida pelos jovens adultos portugueses em função do seu género. Contudo, as diferenças de género destacam-se, no presente estudo, no que diz respeito à DE percebida entre mães e pais. À semelhança de estudos anteriores (Barbore et al., 2014, 2017; Coates, 2017; Lum & Phares, 2005;

Renk et al., 2006; White & Renk, 2012) as mães foram avaliadas pelos filhos como significativamente emocionalmente mais disponíveis do que os pais.

Considerando as hipóteses estabelecidas e os resultados esperados, atendendo à literatura, é de ressaltar a relação estabelecida entre a LEAP-PT, os instrumentos selecionados e os construtos a eles associados.

10. Conclusão

Os resultados do presente estudo vão ao encontro das expectativas e hipóteses previamente formuladas, evidenciando o impacto da DE nos diversos domínios da vida do indivíduo, bem como a sua relação com os construtos utilizados. A validação da escala LEAP, para a população portuguesa (i.e., LEAP-P), permitiu explorar o “jovem” construto de DEP e a sua avaliação eficaz, bem como as suas características considerando as respostas de jovens-adultos portugueses, cientes das suas experiências e memórias relacionais e emocionais. A elaboração deste estudo possibilitou a dedução da relação do construto de DEP com as competências de regulação emocional dos indivíduos, com as práticas educativas parentais experienciadas e com o tipo de vinculação estabelecida com as figuras parentais e outras relações significativas de intimidade.

Deprendemos que, a versão da LEAP para a população portuguesa (i.e., a LEAP-P) apresentou propriedades psicométricas adequadas à sua utilização numa amostra de jovens-adultos portugueses. Os resultados indicaram a escala como uma medida de autorrelato válida. De facto, esta investigação pretende contribuir não só para agilizar o trabalho de muitos profissionais, que desenvolvem investigação no âmbito da psicologia, da saúde emocional e relacional, como também explorar e contribuir com resultados adicionais para este construto tão relevante e abrangente.

Em geral, no que se refere à Disponibilidade Emocional Parental, os pais dos jovens adultos respondentes portugueses foram considerados emocionalmente disponíveis, pela maior parte dos participantes, no entanto os participantes reportaram a figura materna como significativamente mais disponível comparativamente à paterna. A DEP (avaliado com a LEAP-P) revelou associações, coerentes com os resultados de estudos de validação internacionais. Desta forma, estes resultados contribuem coerentemente para a associação positiva identificada, reiteradamente, entre a DEP percebida e o estilo de vinculação seguro (caraterizado por uma relação de conforto e confiança). No mesmo sentido, a DEP associa-se a práticas parentais positivas recordadas, caraterizadas por segurança e apoio emocional parental. Adicionalmente,

igualmente de forma coerente com a literatura, uma maior DEP associa-se a melhores capacidades de regulação das emoções dos jovens adultos (i.e., melhor adaptação às exigências do meio e uma maior funcionalidade) (Barbore et al., 2017; Coates et al., 2017, Eisenberg, 1998; Eisenberg & Morris, 2002; Gokçe & Yilmaz, 2018; White & Renk (2012) e Ozdogan & Onder, 2018).

Neste sentido, atendendo à importância deste construto, cuja investigação tem salientado que se relaciona com a saúde mental, a funcionalidade, a adaptação e o desenvolvimento positivo ao longo da vida (Barbore et al., 2016, 2017; Benedetto et al., 2018; Bosco et al., 2003; Clark & Phares, 2004; Coates et al., 2017; Cordero & Israel, 2009; Curran, 2016; Demidenko et al., 2014; Eyüboğlu & Eyüboğlu, 2020; Frewen et al., 2013; Karaer & Akdemir, 2019; Ozbiler, 2020; Ozdogan & Onder, 2018; Renk et al., 2006, 2014; Schimidt et al., 2020; White & Renk, 2012; Willingham, 2007), considera-se de extrema importância, investir internacionalmente na tradução, adaptação e validação de instrumentos que reúnam as características adequadas para a sua avaliação eficaz. A disponibilização da LEAP-PT, um instrumento breve, com características psicométricas adequadas, que facilitará também a prática profissional, uma vez que a utilização do instrumento não requer formação e permite a avaliação de ambas as figuras parentais em simultâneo. Considerando que, até à data, não existe nenhum instrumento com estas características validado para a população portuguesa, este estudo poderá ter um impacto positivo no desenvolvimento da investigação e prática no âmbito da DEP.

Efetivamente, a pesquisa/análise da Disponibilidade Emocional Parental em jovens-adultos pode possibilitar aos profissionais na prática um mais aprofundado conhecimento sobre como avaliar/intervir com jovens-adultos em situação de fragilidade/instabilidade emocional com os familiares. A nível interventivo, este instrumento e o seu estudo, podem contribuir para que os investigadores e profissionais na prática considerem o potencial impacto da (In)DE na saúde mental, no bem-estar, no desenvolvimento, na funcionalidade, contribuindo para intervenções que perspetivam o indivíduo como produto combinado de uma diversidade de aspetos, entre os quais as suas perceções acerca da DEP, as suas experiências emocionais e os padrões familiares.

O presente estudo representa uma contribuição para a Psicologia, para a evolução do conhecimento científico, permitindo aos psicólogos, em particular aos psicólogos da educação em Portugal, a avaliação rápida e eficaz da DEP. Desta forma, podem facilmente reunir informação relevante para intervenções que contemplem este importante aspeto emocional das relações entre pais e filhos. A validação desta escala

pode representar a adição de um importante instrumento para a prática psicológica nos diversos contextos (i.e., educacional, clínico, de risco ambiental), e para o desenvolvimento de intervenções promotoras de resiliência e capacitação emocional que incluam este ingrediente adicional relevante.

De facto, a investigação tem salientado a importância deste construto na prática psicológica. Construto que considera a relação com as figuras parentais e o papel determinante que estas têm na construção de um indivíduo saudável e equilibrado. Ser filho e pai é funcionar num sistema diádico de contribuições positivas e negativas, que regula a relação, que respeita necessidades, fornece suporte, conforto, proximidade e afeto – é estar lá, sem precisar de estar (Biringen, 2000; Biringen & Robinson, 1991; Bretherton, 2000; Emde, 2000).

No que concerne às limitações ao estudo, a representatividade da amostra, no que se refere ao género, não foi a desejável, uma vez que a grande maioria dos participantes eram do sexo feminino. No entanto, uma vez que, não foram apuradas diferenças significativas na perceção da DEP em função do género dos jovens adultos respondentes este poderá não ter constituído um problema para o estudo. Não obstante, numa futura investigação, seria importante planear algumas estratégias no sentido de tentar obter uma maior representatividade de género entre os participantes. Considera-se também pertinente e relevante alargar a validação da versão da LEAP-P para outras faixas etárias, nomeadamente para uma população de crianças e adolescentes.

O facto de a maioria dos participantes serem estudantes universitários pode ter tido influência nos resultados. Seria importante em estudos posteriores incluir vários participantes não universitários no sentido de averiguar se os padrões de resultados são semelhantes. Outra limitação decorre do facto de não ter sido possível realizar o estudo de estabilidade temporal dos resultados da escala, por motivos de calendarização. Estudos posteriores deveriam realizar esta análise.

Os resultados do presente estudo permitiram apoiar a fiabilidade e a validade da versão portuguesa da LEAP. A escala reúne algumas características positivas dignas de destaque, como o facto de ser de fácil compreensão, simples, curta e de fácil aplicação uma vez que é pouco demorada no seu preenchimento. Tem a vantagem de se coletar rapidamente perceções individualizadas relativas à DE percecionada relativamente à mãe e em relação à DE do pai. Futuras investigações com a população portuguesa deveriam contemplar participantes de faixas etárias mais jovens (i.e., 9-17 anos), tal como planeado inicialmente pelo grupo de investigação. Deveriam também contemplar participantes

“clínicos” e “não clínicos”, bem como oriundos de contextos considerados de risco psicossocial. Seria também interessante investigar as associações existentes entre as percepções dos filhos relativamente à DEP e as autopercepções parentais relativas à sua DE com os seus filhos, à semelhança do estudo 4, realizado pelos autores da escala original (ver Lum & Phares, 2005).

Os resultados obtidos neste estudo suportam investigações anteriores (ver validações prévias Lum & Phares, 2005; Barbore et al., 2014; Gokçe & Yilmaz., 2017), e credibilizam a importância deste construto e da utilização da LEAP-P, em Portugal, para a investigação e a prática psicológica que contemple a percepção da DEP.

11. Referências Bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. N. (2015). *Patterns of attachment A psychological study of the strange situation*. Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203758045>
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709–716. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Almeida, A. S. (2017). *O processo adotivo: características psicossociais, disponibilidade emocional parental e desenvolvimento das crianças* (Tese de Doutorado, Universidade do Algarve, Portugal).
- Almeida, A. S., Giger, J.C., Mendonça, S., Fuertes, M., & Nunes, C. (2022). Emotional availability in mother-child and father-child interactions as predictors of child's attachment representations in adoptive families. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 19, 4720-4736. <https://doi.org/10.3390/ijerph19084720>
- Almiro, P.A., Almeida, D., Ferraz, A.M., Ferreira,R., Silvestre, M.J., Perdiz, C., Dias, I.T., Gonçalves, S., Sousa, L.B., & Simões, M.R. (2017). Escala de Desejabilidade Social de 20 itens (EDS-20). In M.R. Simões, L.S. Almeida, & M.M. Gonçalves (Eds.), *Psicologia forense: Instrumentos de avaliação* (pp.335-352). Pactor.
- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. *Sobre comportamento e cognição*, 8, 54-60. ESETec Editores Associados.
- Ann Easterbrooks, M., & Biringen, Z. (2000). Guest editors' introduction to the special issue: Mapping the terrain of emotional availability and attachment. *Attachment & Human Development*, 2(2), 123-129. <https://doi.org/10.1080/14616730050085518>
- Aviezer, O., Sagi, A., Joels, T., & Ziv, Y. (1999). Emotional availability and attachment representations in kibbutz infants and their mothers. *Developmental psychology*, 35(3), 811. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.35.3.811>
- Babore, A., Carlucci, L., Cataldi, F., Phares, V., & Trumello, C. (2017). Aggressive behaviour in adolescence: Links with self-esteem and parental emotional availability. *Social Development*, 26(4), 740-752. <https://doi.org/10.1111/sode.12236>
- Babore, A., Picconi, L., Candelori, C., & Trumello, C. (2014). The emotional relationship with parents: A validation study of the LEAP among Italian adolescents.

- European Journal of Developmental Psychology*, 11(6), 728-739.
<http://dx.doi.org/10.1080/17405629.2014.915214>
- Babore, A., Trumello, C., Candelori, C., Paciello, M., & Cerniglia, L. (2016). Depressive symptoms, self-esteem and perceived parent–child relationship in early adolescence. *Frontiers in psychology*, 7,982.
<http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00982>
- Barclay, D., Higgins, S., & Thompson, R. (1995). The partial least squares approach to causal modelling: Personal computer adoption and use as an illustration. *Technology Studies*, 2, 285–374.
- Birditt, K. S., Fingerman, K. L., Lefkowitz, E. S., & Kamp Dush, C. M. (2008). Parents perceived as peers: Filial maturity in adulthood. *Journal of Adult Development*, 15(1), 1-12. <http://dx.doi.org/10.1007/s10804-007-9019-2>
- Biringen, Z. (2000). Emotional availability: Conceptualization and research findings. *American Journal of Orthopsychiatry*, 70(1), 104-114.
<https://doi.org/10.1037/h0087711>
- Biringen, Z. (2008a). The Emotional Availability Scales Manual and Emotional Attachment & Emotional Availability Clinical Screener (EA2-Clinical Screener) (4.1th ed.). Acedido de www.emotionalavailability.com.
- Biringen, Z. (2008b). Emotional Availability (EA) Intervention instructor’s manual and parent workbook. Acedido de www.emotionalavailability.com.
- Biringen, Z., & Robinson, J. (1991). Emotional availability in mother-child interactions: A reconceptualization for research. *American journal of Orthopsychiatry*, 61(2), 258-271. <https://doi.org/10.1037/h0079238>
- Biringen, Z., Derscheid, D., Vliegen, N., Closson, L., & Easterbrooks, M. A. (2014). Emotional availability (EA): Theoretical background, empirical research using the EA Scales, and clinical applications. *Developmental review*, 34(2), 114-167.
<https://doi.org/10.1016/j.dr.2014.01.002>
- Biringen, Z., Robinson, J. L., & Emde, R. N. (1998). *The Emotional Availability Scales* (3rd ed).
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and Loss: Vol.1, Attachment*. NewYork: BasicBooks.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol. 2. Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1982). Attachment and loss: retrospect and prospect. *American journal of Orthopsychiatry*, 52(4), 664. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1982.tb01456.x>

- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. *Monographs of the society for research in child development*, 3-35. <https://doi.org/10.2307/3333824>
- Bretherton, I. (2000). Emotional availability: An attachment perspective. *Attachment & Human Development*, 2(2), 233-241. <https://doi.org/10.1080/14616730050085581>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research*. Guilford publications.
- Bulanda, R. E., & Majumdar, D. (2009). Perceived parent–child relations and adolescent self-esteem. *Journal of child and family studies*, 18(2), 203-212. <https://doi.org/10.1007/s10826-008-9220-3>
- Byrne, B. M. (1994). *Structural equation modeling with EQS and EQS/Windows*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Canavarro, M. C. (1996). Avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise psicológica*, 31(4), 393-406. <https://doi.org/10.14417/ap.807>
- Chaudhuri, J. H., Easterbrooks, M. A., & Davis, C. R. (2009). The relation between emotional availability and parenting style: Cultural and economic factors in a diverse sample of young mothers. *Parenting: Science and Practice*, 9(3-4), 277-299. <https://doi.org/10.1080/15295190902844613>
- Chris Fraley, R. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. *Personality and social psychology review*, 6(2), 123-151. https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0602_03
- Christodoulou, F. A. P. (2016). The relationship between trait emotional intelligence and borderline personality disorder features in children: the role of attachment and emotional availability.
- Cicchetti, D., Toth, S. L., & Lynch, M. (1995). Bowlby's dream comes full circle: The application of attachment theory to risk and psychopathology. *Advances in Clinical Child Psychology*, 17, 1-75.

- Clark, T. R., & Phares, V. (2004). Feelings in the family: Interparental conflict, anger, and expressiveness in families with older adolescents. *The Family Journal*, *12*(2), 129-138. <https://doi.org/10.1177/1066480703261961>
- Clay, D., Coates, E., Tran, Q., & Phares, V. (2017). Fathers' and Mothers' Emotional Accessibility and Youth's Developmental Outcomes. *The American Journal of Family Therapy*, *45*(2), 111-122. <https://doi.org/10.1080/01926187.2017.1303651>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, *54*, 644-663. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Campbell, S. B. (2000). *Developmental Psychopathology and Family Process*. The Guilford Press.
- Curran, P. J., West, S. G., & Finch, J. F. (1996). The Robustness of Test Statistics to Non-Normality and Specification Error in Confirmatory Factor Analysis. *Psychological Methods*, *1*, 16. <https://doi.org/10.1037/1082-989X.1.1.16>
- Curran, T. (2016). Emotional availability and social skills: A link between mother-child depressive symptoms. *Interpersonal: An International Journal on Personal Relationships*, *10*(2), 149-160. <https://doi.org/10.5964/ijpr.v10i2.211>
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, *113*(3), 487-496. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.113.3.487>
- De Goede, I. H., Branje, S. J., & Meeus, W. H. (2009). Developmental changes in adolescents' perceptions of relationships with their parents. *Journal of youth and adolescence*, *38*(1), 75-88. <https://doi.org/10.1007/s10964-008-9286-7>
- Demidenko, N., Manion, I., & Lee, C. M. (2015). Father-daughter attachment and communication in depressed and nondepressed adolescent girls. *Journal of Child and Family Studies*, *24*(6), 1727-1734. <https://doi.org/10.1007/s10826-014-9976-6>
- Diamond, L. M., & Aspinwall, L. G. (2003). Emotion regulation across the life span: An integrative perspective emphasizing self-regulation, positive affect, and dyadic processes. *Motivation and Emotion*, *27*(2), 125-156. <https://doi.org/10.1023/A:1024521920068>

- Doinita, N. E., & Maria, N. D. (2015). Attachment and parenting styles. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 203, 199-204. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.08.282>
- Easterbrooks, M. A., & Biringen, Z. (2000). Mapping the terrain of emotional availability and attachment. *Attachment & Human Development*, 2, 129-135. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01069>
- Egeland, B., & Erickson, M. F. (1987). Psychologically unavailable care- giving. In M. R. Brassard, R. Germain, & S. N. Hart (Eds.), *Psychological maltreatment of children and youth* (pp. 110-120). Pergamon Press.
- Eisenberg, N., & Morris, A. S. (2002). Children's emotion-related regulation. In R. V. Kail (Ed.), *Advances in child development and behavior*, Vol. 30, pp. 189-229. Academic Press.
- Eisenberg, N., Champion, C., & Ma, Y. (2004). Emotion-related regulation: An emerging construct. *Merrill-Palmer Quarterly (1982-)*, 236-259.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., Guthrie, I. K., & Reiser, M. (2000). Dispositional emotionality and regulation: Their role in predicting quality of social functioning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 78(1), 136-157. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.78.1.136>
- Eisenberg, N., Spinrad, T. L., & Cumberland, A. (1998). The socialization of emotion: Reply to commentaries. *Psychological Inquiry*, 9(4), 317-333. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_17
- Emde, R. N. (1980). Emotional availability: A reciprocal reward system for infants and parents with implications for prevention of psychosocial disorders. In P. M. Taylor (Ed.), *Parent-infant relationships* (pp. 87-115). FL: Grune & Stratton.
- Emde, R. N. (2000). Next steps in emotional availability research. *Attachment & Human Development*, 2(2), 242-248. <https://doi.org/10.1080/14616730050085590>
- Eyüboğlu, D., & Eyüboğlu, M. (2020). Prenatal attachment, anxiety and depression in pregnant adolescents and the emotional availability of their parents. *Anatolian Journal of Psychiatry/Anadolu Psikiyatri Dergisi*, 21(2). <https://doi.org/10.5455/apd.56516>
- Fan, X., Thompson, B., & Wang, L. (1999). Effects of sample size, estimation method, and model specification on structural equation modeling fit indexes. *Structural Equation Modeling*, 6, 56-83. <https://doi.org/10.1080/10705519909540119>
- Field, A. (2009). *Descobriendo a estatística usando o SPSS-5*. Penso Editora.

- Field, A. (2018). *discovering statistics using ibm spss statistics* (5th ed.). sage.
- Field, T. (1994). The effects of mother's physical and emotional unavailability on emotion regulation. *Monographs of the society for research in child development*, 208-227. <https://doi.org/10.2307/1166147>
- Gökçe, G., & Yılmaz, B. (2018). Emotional Availability of Parents and Psychological Health: What Does Mediate This Relationship?. *Journal of Adult Development*, 25(1), 37-47. <https://doi.org/10.1007/s10804-017-9273-x>
- Gotz, O., Liehr-Gobbers, K., & Krafft, M. (2010). Evaluation of structural equation models using the partial least squares (PLS) approach. In V. E. Vinzi, W. W. Chin, J. Henseler, & H. Wang (Eds.), *Handbook of partial least squares: Concepts, methods and applications*. Springer, 691–711.
- Gotz, O., Liehr-Gobbers, K., & Krafft, M. (2010). Evaluation of structural equation models using the partial least squares (PLS) approach. In V. E. Vinzi, W. W. Chin, J. Henseler, & H. Wang (Eds.), *Handbook of partial least squares: Concepts, methods and applications*. Heidelberg: Springer, 691–711.
- Gratz, K. L., & Roemer, L. (2004). Multidimensional assessment of emotion regulation and dysregulation: Development, factor structure, and initial validation of the difficulties in emotion regulation scale. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 26(1), 41–54. <https://doi.org/10.1023/B:JOB.A.0000007455.08539.94>
- Hair, J., Anderson, R. E., Tatham, R. L., Black, W. C. (1995). *Multivariate data analysis* (4th ed.). Prentice-Hall Inc.
- Hair, J., Black, B., Babin, B., & Anderson, R. (2010). *Multivariate Data Analysis*. Prentice Hall.
- Jabeen, F., Anis-ul-Haque, M., & Riaz, M. N. (2013). Parenting styles as predictors of emotion regulation among adolescents. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 85-105.
- JASP Team (2023). JASP (Version 0.16)[Computer software], <https://jasp-stats.org>.
- Karaer, Y., & Akdemir, D. (2019). Parenting styles, perceived social support and emotion regulation in adolescents with internet addiction. *Comprehensive psychiatry*, 92, 22-27. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2019.03.003>
- Kim, H., & Page, T. (2013). Emotional bonds with parents, emotion regulation, and school-related behavior problems among elementary school truants. *Journal of*

- Child and Family Studies*, 22(6), 869-878. <https://doi.org/10.1007/s10826-012-9646-5>
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3rd ed.). Guilford Press.
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V., & Vieira, M. L. (2010). Validação da escala de lembranças sobre práticas parentais (EMBU). *Avaliação psicológica*, 9(1), 77-85.
- Kuppens, S., & Ceulemans, E. (2019). Parenting styles: A closer look at a well-known concept. *Journal of child and family studies*, 28(1), 168-181. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1242-x>
- Lee, C. M., & Gotlib, I. H. (1991). Family disruption, parental availability and child adjustment. *Advances in behavioral assessment of children and families*, 5, 173-202.
- Lum, J. J., & Phares, V. (2005). Assessing the Emotional Availability of Parents. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 27, 3, 211-226. <https://doi.org/10.1007/s10862-005-0637-3>
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction. In P. H. Mussen, & E. M. Hetherington (Eds.). *Handbook of Child Psychology* (Vol. 4., Socialization, Personality, and Social Development., pp. 1-101). Wiley.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, educação e cultura*, 13(1), 139-156.
- Manzeske, D. P., & Stright, A. D. (2009). Parenting styles and emotion regulation: The role of behavioral and psychological control during young adulthood. *Journal of Adult Development*, 16(4), 223-229. <https://doi.org/10.1007/s10804-009-9068-9>
- Marôco, J. (2021). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações* (3ª ed). Report Number.
- McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of family Issues*, 29(6), 806-827. <https://doi.org/10.1177/0192513X07311222>
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2012). An attachment perspective on psychopathology. *World Psychiatry*, 11(1), 11-15. <https://doi.org/10.1016%2Fj.wpsyc.2012.01.003>
- Mikulincer, M., Shaver, P. R., & Pereg, D. (2003). Attachment theory and affect regulation: The dynamics, development, and cognitive consequences of

- attachment-related strategies. *Motivation and emotion*, 27(2), 77-102.
<https://doi.org/10.1023/A:1024515519160>
- Moreira, H., Gouveia, M. J., & Canavarro, M. C. (2020). A bifactor analysis of the difficulties in emotion regulation scale-short form (DERS-SF) in a sample of adolescents and adults. *Current Psychology*, 1-26.
- Nielsen, S. K. K., Lønfeldt, N., Wolitzky-Taylor, K. B., Hageman, I., Vangkilde, S., & Daniel, S. I. F. (2017). Adult attachment style and anxiety—The mediating role of emotion regulation. *Journal of Affective Disorders* 218, 253-259.
<https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.04.047>
- Nunnally, J.C. & Bernstein, I.H. (1994) The Assessment of Reliability. *Psychometric Theory*, 3, 248-292.
- Özbiler, Ş. (2020). Resilience as the Mediator of the Relationship between Emotional Availability of Fathers and Subjective Well-Being of Emerging Adults. *Psikoloji Çalışmaları*, 40(2), 513-531. <http://dx.doi.org/10.26650/SP2019-0075>
- Özdoğan, A. H. M. E. T., & Cenkseven Önder, F. (2018). The relation between parents' emotional availability and reactive-proactive aggression in adolescents: the intermediary role of difficulties in emotion regulation. *Eğitim Ve Bilim-Education And Science*, <http://dx.doi.org/10.15390/EB.2018.7576>
- Pascuzzo, K., Cyr, C., & Moss, E. (2013). Longitudinal association between adolescent attachment, adult romantic attachment, and emotion regulation strategies. *Attachment & human development*, 15(1), 83-103.
<https://doi.org/10.1080/14616734.2013.745713>
- Perris, C., Jacobsson, L., Linndström, H., von Knorring, L., & Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behaviour. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 61(4), 265-274.
<https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.1980.tb00581.x>
- Renk, K., McKinney, C., Klein, J., & Oliveros, A. (2006). Childhood discipline, perceptions of parents, and current functioning in female college students. *Journal of adolescence*, 29(1), 73-88. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2005.01.006>
- Ritvo, S. (1976) The Psychological Birth of the Human Infant. Symbiosis and Individuation. By Margaret S. Mahler, Fred Pine, and Anni Bergman. *Basic Books, Inc.*, 1975. 308 pp., *The Psychoanalytic Quarterly*, 45(4), 620-645, DOI: [10.1080/21674086.1976.11926782](https://doi.org/10.1080/21674086.1976.11926782)

- Rothrauff, T. C., Cooney, T. M., & An, J. S. (2009). Remembered parenting styles and adjustment in middle and late adulthood. *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 64(1), 137-146. <https://doi.org/10.1093%2Fgeronb%2Fgbn008>
- Santos, A., (2021) Regulação emocional em estudantes do ensino superior: influência dos estilos educativos parentais percebidos. UBI (Doctoral dissertation).
- Saunders, H., Biringen, Z., Benton, J., Closson, L., Herndon, E., & Prosser, J. L. (2017). Emotional Availability and Emotional Availability Zones (EA-Z): From assessment to intervention and universal prevention. *Perspectives in infant mental health*, 25(1), 12-16. <https://perspectives.waimh.org/2017/04/21/emotional-availability-emotional-availability-zones-ea-z-assessment-intervention-universal-prevention/> (acedido a 30 de janeiro de 2023)
- Saunders, H., Kraus, A., Barone, L. & Biringen; Z. (2015). Emotional availability: theory, research, and intervention. *Frontiers in Psychology*, 6. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01069>
- Schaefer, E. S. (1965). Children's reports of parental behavior: An inventory. *Child development*, 413-424. <https://doi.org/10.2307/1126465>
- Schmidt, M., Naylor, P. E., Cohen, D., Gomez, R., Moses Jr, J. A., Rappoport, M., & Packman, W. (2020). Pet loss and continuing bonds in children and adolescents. *Death Studies*, 44(5), 278-284. <https://doi.org/10.1080/07481187.2018.1541942>
- Shaw, Z. A., & Starr, L. R. (2019). Intergenerational transmission of emotion dysregulation: The role of authoritarian parenting style and family chronic stress. *Journal of Child and Family Studies*, 28, 3508-3518. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01534-1>
- Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge University Press.
- Steinberg, S. J., & Davila, J. (2008). Romantic functioning and depressive symptoms among early adolescent girls: The moderating role of parental emotional availability. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37(2), 350-362. <https://doi.org/10.1080/15374410801955847>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2007). *Using Multivariate Statistics (5th ed.)*. New York: Allyn & Bacon/Pearson Education.

- Thompson, R. A. (1994). Emotion regulation: A theme in search of definition. *Monographs of the society for research in child development*, 25-52. <https://doi.org/10.2307/1166137>
- Trumello, C., Babore, A., Candelori, C., Morelli, M., & Bianchi, D. (2018). Relationship with parents, emotion regulation, and callous-unemotional traits in adolescents' Internet addiction. *BioMed Research International*. <https://doi.org/10.1155/2018/7914261>
- Tubal, L. (2022). Preditores da Disponibilidade Emocional nas Mães Adotivas (Tese de Mestrado, Universidade do Algarve, Portugal).
- Veloso, M., Gouveia, J. P., & Dinis, A. (2011). Estudos de validação com a versão portuguesa da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE). *Psychologica*, (54), 87-110. https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_4
- Volling, B. L., McElwain, N. L., Notaro, P. C., & Herrera, C. (2002). Parents' Emotional Availability and Infant Emotional Competence: Predictors of Parent–Infant Attachment and Emerging Self-Regulation. *Journal of Family Psychology*, 16(4), 447–465. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.16.4.447>
- Waters, E., Weinfield, N. S., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of attachment security from infancy to adolescence and early adulthood: General discussion. *Child development*, 71(3), 703-706.
- Weber, L. N. D., Selig, G. A., Bernardi, M. G., & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações: Transmissão intergeracional de estilos parentais. *16*, 407-414. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300011>
- White, R. (2009). Perceived Parental Characteristics And Neighborhood Support: How Do They Relate To Adolescents' Externalizing Behavior Problem. <https://doi.org/10.1002%2Fjcop.22205>
- White, R., & Renk, K. (2012). Externalizing behavior problems during adolescence: An ecological perspective. *Journal of child and family studies*, 21(1), 158-171. <http://dx.doi.org/10.1007/s10826-011-9459-y>
- Winefield, H. R., Goldney, R. D., Tiggemann, M., & Winefield, A. H. (1990). Parental rearing behaviors: Stability of reports over time and relation to adult interpersonal skills. *Journal of Genetic Psychology*, 151, 211–219. <https://doi.org/10.1080/00221325.1990.9914655>
- Yücel, S., & Tuzcuoğlu, A. S. (2021) The Investigation of the Effect of Emotional Availability to Parents on Self-Esteem and Interpersonal Competence in

University Students. *Humanistic Perspective*, 3(1), 27-42.

<http://dx.doi.org/10.47793/hp.821626>

Ziv, Y., Aviezer, O., Gini, M., Sagi, A., & Koren-Karie, N. (2000). Emotional availability in the mother–infant dyad as related to the quality of infant–mother attachment relationship. *Attachment & Human Development*, 2, 149–169.

<https://doi.org/10.1080/14616730050085536>

12. Anexos

Anexo 1. Tabela 7. Principais características e resultados dos 2 estudos piloto de concepção e validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)

Tabela 7.

Principais características e resultados dos 2 estudos piloto de concepção e validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)

Estudos	Participantes	Caraterísticas	Principais Resultados
Estudo 1: Estudo Piloto e de criação dos itens	N = 220 adolescentes e jovens adultos (estudantes de psicologia) Entre os 18 e os 25 anos de idade ($M = 18.94$; $DP = 0.88$).	Desenvolveram 153 itens após a resposta a perguntas como “O que é a disponibilidade emocional?” (i.e., “ <i>What is emotional availability?</i> ”); As afirmações “negativas” foram “convertidas” com uma formulação positiva.	- Seleção de 15 itens finais incluídos na escala: Itens descritos por 9 ou mais adolescentes mais velhos ou descritos pelos adolescentes mais velhos e pelo grupo de investigadores; - α . 98 versão materna e paterna.
Estudo 2: Estudo Piloto	N = 155 adolescentes e jovens adultos (estudantes de psicologia). Entre os 18 e os 25 anos de idade ($M = 21.91$; $DP = 2.08$).	- Os participantes responderam aos itens finais e as respostas foram analisadas; - Realizadas análises fatoriais, uma para a cada versão (i.e., materna e paterna) para extração de fatores e para avaliar as comunalidades.	- Resultados das correlações na versão materna: entre .01 e .91. - Resultados das correlações na versão paterna: entre -.01 e .91. - Confirmou-se a existência de um fator para cada versão.

Anexo 2. Tabela 8. Principais Características e resultados do estudo 3 de validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)

Tabela 8.

Principais Características e resultados do estudo 3 de validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)

Estudos	Participantes	Caraterísticas	Principais Resultados
Estudo 3: Validação	N = 168 (1º) N = 116 (2º) adolescentes e jovens adultos (estudantes de psicologia). Entre os 18 e os 25 anos de idade ($M = 20.87$; $DP = 1.68$).	Recolha de dados com a LEAP em 2 momentos diferentes: teste e reteste); Outros instrumentos utilizados na validação: - <i>Uma escala de recolha de dados sóciodemográficos</i> ; - Para a validade convergente: <i>The Children's Report of Parental Behavior Inventory—Revised</i> ; <i>The Parental Bonding Instrument, My Memories of Upbringing (EMBU)</i> ; - Para avaliar o bem-estar psicológico e a sintomatologia - <i>Brief Symptom Inventory (BSI)</i> ; - No sentido de avaliar o humor atual - <i>Profile of Mood States (POMS)</i> ; - Para avaliar e controlar o potencial efeito da desejabilidade social - <i>Social Desirability Response Bias</i> .	- Os resultados do teste-reteste foram: Para a escala total da LEAP .92 ($p < .0001$); de .92 para a versão materna e de .85 ($p < .0001$) para a versão paterna. - A LEAP correlacionou-se positivamente com: - As dimensões “aceitação”, “envolvimento positivo” e “evitamento de emoções”, da escala “ <i>Children's Report of Parental Behavior Inventory—Revised</i> ”; - A dimensão de cuidado, para ambas as figuras parentais, do “ <i>Parental Bonding Instrument</i> ”; - O <i>EMBU – Memórias da infância</i> , relativamente a ambas as figuras parentais. A LEAP correlacionou-se negativamente com: - A superproteção, relativamente às mães na escala <i>PBI (i.e., The Parental Bonding Instrument)</i> ; - Os resultados relativos à relação da LEAP com o bem-estar psicológico e a sintomatologia, ao humor atual e à desejabilidade social não foram significativos.

Anexo 3. Tabela 9. Principais características e resultados do estudo 4 de validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)

Tabela 9.

Principais características e resultados do estudo 4 de validação da LEAP original de Lum e Phares (2005)

Estudos	Participantes	Caraterísticas	Principais Resultados
Estudo 4: Extensão Descendente	N = 30 (teste piloto) N = 635 (amostra não clínica) N = 110 (amostra clínica) Crianças e adolescentes entre os 9 e os 17 anos de idade. N = 553 pais dos participantes Amostra Não clínica (Midade = 12.49; DP = 3.07) Amostra Clínica (Midade = 11.61; DP = 2.10). Amostra dos pais dos participantes (MidadeMãe= 35.62 ; DP = 1.98;	Numa fase inicial foi realizado um teste piloto (N = 30) para se concluir se a faixa etária entre os 9 e os 17 anos conseguia responder à LEAP. O teste e reteste foi realizado com cerca de 2-3 semanas de intervalo, com cerca de 95% dos participantes iniciais; Instrumentos utilizados: -Questionário sociodemográfico; - <i>The Children's Report of Parental Behavior Inventory— Revised (CRPBI-R)</i> ; - <i>The Parental Bonding Instrument (PBI)</i> ; - <i>My Memories of Upbringing (EMBU)</i> ; - Children's Depression Inventory (CDI) (Depressão); - <i>The Youth Self-Report</i> (Sintomas psicológicos);	- Realização de análise fatorial do eixo principal, para cada uma das versões: Foi extraído apenas um fator para cada uma das versões (i.e., a materna e a paterna); - Os coeficientes alpha de <i>Cronbach</i> situaram-se nos .90 (i.e., grupo ã-clínico .96 para a versão materna e .97 para a versão paterna; grupo clínico .92 para a versão materna e .93 para a versão paterna; grupo pais .93 para a versão materna e .95 para a versão paterna); - Resultados do teste-reteste: A LEAP revelou ter uma forte estabilidade temporal (a curto prazo); - A confiabilidade teste-reteste para a amostra não clínica foi .81 ($p < .001$) para as versões materna e paterna. - A confiabilidade teste-reteste para a amostra clínica foi de .77 ($p < .001$) para a versão materna e de .76 ($p < .001$) para a versão paterna. - As perceções das crianças e dos adolescentes relativamente à DE das mães encontravam-se significativamente

Estudos	Participantes	Caraterísticas	Principais Resultados
Estudo 4: Extensão Descendente	<i>Idade</i> Pai = 39.44 ; <i>DP</i> = 2.23).	-Children's Manifest Anxiety Scale (RCMAS) (Ansiedade manifesta); - Lie Scale on the Revised (Desejabilidade Social).	correlacionadas à percepção de DE dos seus pais ($r = .60$; $p < .0001$). - A percepção da DE das crianças e dos adolescentes relativamente às suas mães encontrava-se positiva e significativamente correlacionadas com a autopercepção materna da sua própria DE em relação à filha/ao filho ($r = .42$; $p < .0001$); - A percepção das crianças e dos adolescentes relativamente à DE dos seus pais encontrava-se positiva e significativamente correlacionadas com a percepção de DE do pai em relação ao seu próprio comportamento com a criança/o adolescente ($r = .63$; $p < .0001$); - Uma maior DE maternal associava-se a níveis mais reduzidos de sintomas depressivos, internalizados, externalizados e com o total de problemas de comportamento das crianças e dos adolescentes; - As crianças e os adolescentes do grupo "não clínico" relataram uma maior DE das suas mães ($M = 75.62$) comparativamente a crianças e adolescentes do grupo clínico ($M = 59.91$); - Foi encontrado um padrão semelhante relativamente às crianças e aos adolescentes do grupo "clínico" relativamente à percepção de DE paterna;

Estudos	Participantes	Caraterísticas	Principais Resultados
Estudo 4: Extensão Descendente			<ul style="list-style-type: none"> - Os filhos do grupo não clínico relatavam uma maior DE dos seus pais ($M = 66.06$) comparativamente a crianças e adolescentes do grupo clínico ($M = 56.37$); - Foi encontrado um padrão semelhante relativamente às crianças e aos adolescentes do grupo “clínico” relativamente à percepção de DE paterna. Os filhos do grupo não clínico relatavam uma maior DE dos seus pais ($M = 66.06$) comparativamente a crianças e adolescentes do grupo clínico ($M = 56.37$); - As mães foram consideradas como mais DE em todos os grupos ($M_{\text{ñ-clínico}} = m72.83, p66.06$; $M_{\text{clínico}} = m59.91, p56.37$; $M_{\text{pais}} = m80.44, p71.17$).

Anexo 4. Tabela 10. Itens da Escala de Disponibilidade Emocional de Lum e Phares (LEAP) em Inglês e Português

Tabela 10.

Itens da Escala de Disponibilidade Emocional de Lum e Phares (LEAP) em Inglês e Português

	Versão Original em Inglês	Versão Portuguesa
Item 1	Supports me	Apoia-me
Item 2	Consoles me when I am upset (Example: Makes me feel better when I am upset)	Consola-me/conforta-me quando estou chateada(o) (Exemplo: Faz-me sentir melhor quando eu estou chateada(o))
Item 3	Shows she/he cares about me	Mostra que se preocupa comigo
Item 4	Shows a genuine interest in me (Example: Pays attention and is curious about me)	Mostra um interesse genuíno por mim (Exemplo: Presta atenção e é curiosa(o) acerca de mim)
Item 5	Remembers things that are important to me	Lembra-se de coisas que são importantes para mim
Item 6	Is available to talk at any time	Está disponível para conversar em qualquer momento
Item 7	Ask questions in caring manner	Faz perguntas de uma maneira carinhosa
Item 8	Spends extra time with me just because she/he wants to	Passa tempo extra comigo apenas porque quer
Item 9	Is willing to talk about my troubles	Está disposta(o) a falar sobre os meus problemas
Item 10	Pursues talking with me about my interests (Example: Tries to talk to me about what I like)	Procura/Insiste falar comigo acerca dos meus interesses (Exemplo: Tenta falar comigo acerca do que eu gosto)